

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

LARISSA ANGÉLICA DA SILVA PHILBERT

**Investigação da formação dos estudantes do curso de Licenciatura
em Enfermagem para temática sexualidade humana**

Ribeirão Preto

2009

LARISSA ANGÉLICA DA SILVA PHILBERT

**Investigação da formação dos estudantes do curso de Licenciatura em
Enfermagem para temática sexualidade humana**

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem
de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título Mestre em Ciências,
Programa Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de Pesquisa: Educação em Saúde e
Formação de Recursos Humanos

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Sonia Maria Villela Bueno

Ribeirão Preto

2009

Autorizo a reprodução e divulgação parcial ou total deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Documentação
Universidade de São Paulo
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto

PHILBERT, Larissa Angélica da Silva.

Investigação da formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem para temática sexualidade humana. / Larissa Angélica da Silva Philbert; orientadora Sonia Maria Villela Bueno. – Ribeirão Preto, 2009.

86 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências. Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2009.

1. Formação de educadores 2 . Educação sexual. 3. Sexualidade humana. 4. Pesquisa-ação.I Título.

CDD: 4 04 000

PHILBERT, Larissa Angélica da Silva

Investigação da formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem para temática sexualidade humana.

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título Mestre em Ciências, Programa Enfermagem Psiquiátrica.

Aprovado em/...../.....

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Este trabalho é dedicado à minha mãe, Maristela da Silva, com amor e gratidão, por me apoiar, incentivar e compartilhar todos os momentos dessa jornada. A ela que é o meu referencial de mulher, mãe e ser humano.

Agradecimentos

No ano que passou fiz o possível, o que acreditava o que era incrível, apesar de qualquer adversidade, porque sabia que o esforço, a dedicação, a perseverança, o entusiasmo, a flexibilidade e a paciência são necessários para se ter sucesso, em qualquer empreitada.

Claro que em nenhuma jornada de vida se faz plenamente sozinho, precisamos de apoio, incentivo, colaboração, paciência, compreensão, auxílio, amor e respeito de outras pessoas mesmo que essas não saibam disso diretamente. Por isso, agradeço:

A Deus e a Nossa Senhora das Graças.

À minha mãe, Maristela da Silva, pelo incentivo, companheirismo, dedicação, amor, paciência e amizade.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Sonia Maria Villela Bueno pelo incentivo, amizade e sobretudo por acreditar em mim.

À Prof^a Dra. Edna Paciência Vietta pelo apoio.

Ao Thiago Cuter dos Santos, pelo amor, companheirismo e paciência.

Aos meus amigos que me apoiaram e souberam compreender os momentos de ausência.

À Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, pela oportunidade de desenvolvimento profissional e pessoal.

Aos docentes da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP

Aos funcionários da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP, em específico, aos do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas, Serviço de Pós-Graduação, Seção de Comunicação e Publicações, Sala de Leitura Gleite de Alcântara.

Aos alunos do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem.

Ao Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE).

Aos amigos que conquistei dentro da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

“Para as pessoas que inventaram
as suas próprias leis
quando sabem ter razão;
para as que têm um prazer
em fazer coisas bem feitas,
nem que seja só para elas;
para as que sabem que a vida
é algo mais do que aquilo
que os nossos olhos vêem...”

(Richard Bach, 1970 s/p)

“A luta contra o erro editorial tem algo de homérico. Durante a revisão, os erros se escondem, fazem-se invisíveis. Mas assim que o livro sai, tornam-se visibilíssimos, verdadeiros sacis vermelhos a botar a língua em todas as páginas. Trata-se de um fenômeno que a ciência não conseguiu decifrar...”

(Monteiro Lobato)

RESUMO

PHILBERT, L. A. S. **Investigação da formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem para temática sexualidade humana.** 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

Este estudo visa investigar a formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem para a temática Sexualidade Humana, que é uma dimensão essencialmente humana e de interesse social cujas significações e vivências, são determinadas pela subjetividade, pela natureza e pelos diferentes momentos históricos, religiosos, econômicos, políticos, sociais e afetivos, expressando-se de forma ímpar em cada sujeito. A abordagem metodológica de investigação desenvolveu-se por meio de uma pesquisa qualitativa, de cunho humanista, apropriando-se de um estudo descritivo-exploratório, mediatizada pela metodologia da pesquisa-ação. Para a coleta dos dados foi utilizado como instrumento, um questionário semi-estruturado e um diário de campo, servindo como forma de registro da observação participante. A análise e interpretação dos dados foram feitos através da análise temática, preconizada por Paulo Freire, buscando os temas geradores que favoreceram a elaboração de categorias. Para que ações educativas em saúde, com foco na sexualidade humana possam ter bons resultados, é imprescindível que os profissionais da saúde estejam preparados, instrumentalizados e que tenham habilidades comportamentais éticas para lidarem com esse tema, de maneira natural e não somente focado na técnica, na informação ou na tríade saúde-doença-prevenção. Assim, a temática em apreço, instituída em nosso meio social, educacional e da saúde, pode propiciar um ambiente oportuno para o diálogo, de forma aberta e horizontalizada, livre de preconceito, tabu, mito, credence e sobremaneira de discriminação enfim, contribuindo para uma melhor qualidade de vida das pessoas.

Descritores: Licenciatura em Enfermagem; Sexualidade Humana; Docência; Educação; Pesquisa-ação.

ABSTRACT

PHILBERT, L. A. S. **Search of formation of the students from the Licentiate Course on Nursing for human sexuality thematic.** 2009. 86 p. Dissertation (Mastering) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

This searching aims the search of formation of the students from the Licentiate Course on Nursing for human sexuality thematic, that is an essentially human dimension and of social interest, which meanings and experiences, are determined by subjectivity, by nature and by different historic, religion, economic, politic, social and affective moments, expressed by a particular way on every one. The methodology approach of the search was developed by qualitative research, of humanist view, getting a descriptive-exploratory study, worked by the research-action methodology. For the data collecting, a semi-structured quiz and a field diary, serving as a participant observation register, were used as instruments. The analysis and interpretation of the data were done through thematic analysis, advocated by Paulo Freire, searching for generator themes that headed the categories developing. In order to provide educational actions in health area, focusing on human sexuality with good results, it's extremely important that the health professionals get prepared, instrumentally and have ethic behavior abilities to handle this theme, in a natural way and, besides concerning on the technique, also concern on the information or on the triad health-disease-prevention. Due to the thematic respect, inserted in our social, educational and health environment, it can provide a environment of opportune dialog, in an open and horizontal way, free of prejudice, myth, beliefs, and discrimination, contributing to people's better life quality.

Descriptors: Licentiate Course on Nursing; Human Sexuality; Teaching; Education; Research-action.

RESUMEN

PHILBERT, L. A. S. **Investigación de la formación de los estudiantes del curso de Licenciatura en Enfermería para temática sexualidad humana.** 2009. 86 h. Disertación (Maestría) – Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

Este estudio visa investigar la formación de los estudiantes del curso de Licenciatura en Enfermería para la temática Sexualidad Humana, que es una dimensión esencialmente humana y de interés social cuyas significaciones y vivencias, son determinadas por la subjetividad, por la naturaleza y por los diferentes momentos históricos, religiosos, económicos, políticos, sociales y afectivos, expresándose de forma impar en cada persona. El abordaje metodológico de investigación se desarrolló por medio de una pesquisa cualitativa, de forma humanista, apropiándose de un estudio descriptivo-exploratorio, mediatizada por la metodología de la pesquisa-acción. Para la colecta de los datos fue utilizado como instrumento, un cuestionario semi-estructurado y un diario de campo, sirviendo como forma de registro de la observación participante. El análisis e interpretación de los datos fueron hechos a través del analice temática, preconizada por Paulo Freire, buscando los temas generadores que favorecieron la elaboración de categorías. Para que las acciones educativas en salud, con foco en la sexualidad humana puedan tener buenos resultados, es imprescindible que los profesionales de la salud estén preparados, instrumentalizados y que tengan habilidades de conducta ética para actuaren con ese tema, de manera natural y no solamente con foco en la técnica, en la información o en la tríada salud-enfermedad-prevención. Así, la temática en aprecio, instituida en nuestro medio social, educativo y de la salud, puede propiciar un ambiente oportuno para el diálogo, de forma abierta y horizontalizada, libre de prejuicio, tabú, mito, superstición, creencia y sobremanera de discriminación en fin, contribuyendo para una mejor calidad de vida de las personas.

Descriptor: Licenciatura en Enfermería; Sexualidad Humana; Docencia; Educación; Pesquisa-acción.

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1 - Identificação dos participantes pesquisados, segundo: Idade, sexo, estado civil, religião.....	24
Quadro 2 - Distribuição qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 1. Durante a sua graduação em Enfermagem, em algum momento o tema sexualidade humana foi abordado? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	26
Quadro 3 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 2. Se você respondeu que SIM, em qual disciplina foi abordada essa temática? Comente.....	28
Quadro 4 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 3. Se a sua resposta anterior foi positiva, responda: como você classificaria o conteúdo apresentado? <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Suficiente <input type="checkbox"/> Insuficiente. Comente.....	31
Quadro 5 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 4. Você se sente apto para lidar com a temática sexualidade humana na sua prática profissional como educador? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Comente	34
Quadro 6 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 5. Você já teve contato na sua graduação com o tema Transversal Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Comente.....	36
Quadro 7 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 6. Você teria alguma dificuldade para lidar com a temática sexualidade na sua prática profissional? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Comente.....	39
Quadro 8 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 7. O que você entende sobre sexualidade?.....	42
Quadro 9 - Distribuição Qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número 8. Como você vê a temática sexualidade humana nos dias atuais?.....	47

Quadro 10 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 9 . Em sua opinião, a quem cabe o trabalho relativo à educação sexual no espaço escolar?.....	49
Quadro 11 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 10 . Como você acredita que deveria ser realizado o trabalho de preparação do professor, a fim de que ele possa lidar com a temática sexualidade?.....	53
Quadro 12 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 11 . Quais temas você sente que têm mais dificuldades e gostaria de discutir ou esclarecer dúvidas sobre sexualidade?.....	56
Quadro 13 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 12 . Você tem interesse em participar de um grupo de estudos sobre sexualidade (educação sexual)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Comente quais seriam suas expectativas em relação ao grupo de estudos:.....	60
Quadro 14 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 13 . Você considera importante a inserção de uma disciplina sobre sexualidade humana na grade curricular do seu curso? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Comente.....	63
Quadro 15 - Distribuição Qualitativa das falas dos participantes pesquisados referente à questão norteadora de número 14 . Livre para você se expressar sobre / como quiser:.....	66

LISTA DE SIGLAS

ABED Associação Brasileira de Educação à Distância

CAESOS Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência

EERP Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto

EPCH Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciência Humanas

FFCLRP Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto

GEPEFERP Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Professores

LDBEN Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OMS Organização Mundial da Saúde

PAE Programa de Aperfeiçoamento de Ensino

PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais

USP Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	Página
1- Introdução.....	1
2- Objetivos Gerais.....	2
3- Marco teórico de referência.....	3
3.1- Educação para Saúde e a importância da sexualidade	3
3.2- Licenciatura em Enfermagem	7
3.3- Docência e formação.....	11
3.4- A sexualidade humana	14
4- Metodologia.....	17
4.1- Análise dos dados	18
5- Resultados e discussão.....	20
5.1- Reflexões sobre a observação participante	20
5.2- Análise dos dados do questionário	23
6- Proposta.....	68
7- Considerações Finais.....	70
Referências.....	72
Apêndice.....	82
Anexo.....	84

1. INTRODUÇÃO

O interesse em estudar e pesquisar a temática sexualidade humana manifestou-se nos anos de 2005 e 2006. Isto quando ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Professores (GEPEFERP) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP) e no Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência (CAESOS) do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciência Humanas (EPCH) da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP/USP), revelando, assim compreensão mais aberta sobre questões que atrelem o assunto em foco.

Esses grupos contribuíram consideravelmente para que pudesse refletir sobre a minha formação e de como era desenvolvida a prática educativa em relação à sexualidade humana, desde o meu ensino infantil, fundamental e médio (Magistério), num colégio católico, depois na graduação em Pedagogia e na especialização em Psicopedagogia.

No ano de 2007 busquei um curso sobre educação sexual, na modalidade de Educação à Distância (EaD) oferecido pelo Portal Educação mantenedor da Associação Brasileira de Educação à Distância (ABED). No decorrer do curso, através dos fóruns e *chat's* de discussão, pude notar que existia diversos entendimentos sobre a temática sexualidade e que este assunto gerava grande interesse e ao mesmo tempo controvérsias. Segundo Figueiró (2006), isso ocorre, porque a educação sexual está, muitas vezes, comprometida com diferentes concepções filosóficas, metodológicas e pedagógicas.

De acordo com os referenciais teórico-práticos estudados, foi possível perceber que a temática sexualidade humana pode vir a ter um espaço significativo nos currículos dos cursos de licenciatura de forma transversal, dialógica, reflexiva e que contemple além de fundamentos biológicos, mas sócio-históricos, culturais e afetivos.

2. OBJETIVOS GERAIS

- Investigar se a temática sexualidade humana é abordada no Curso de Licenciatura em Enfermagem.
- Verificar os saberes que os estudantes do Curso de Licenciatura em Enfermagem possuem sobre sexualidade.
- Elaborar uma proposta com base na análise dos dados obtidos durante a pesquisa, que gere conhecimento sobre a temática sexualidade humana, na visão dos estudantes de Licenciatura em Enfermagem.

3. MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

3.1 Educação para Saúde e a importância da sexualidade

Segundo Gazzinelli, Reis e Marques (2006), diferentes autores destacam a importância da capacitação dos estudantes e profissionais da saúde nos processos de educação para saúde, esse preparo não pode ser visto somente através da ótica biológica, mantido por muito tempo sob os pressupostos da escola tradicional e técnica, mas também contemplar o ser humano em todas as suas dimensões e contextos.

A educação para a saúde pode ser entendida como uma possibilidade de dotar as pessoas de conhecimentos, atitudes e valores que as ajudem a fazer opções e a tomar decisões adequadas à promoção de sua saúde e que privilegie seu bem-estar físico, social e mental (OMS - Carta de Ottawa, 1986).

Nos últimos tempos, a educação para a saúde tem focado a prevenção de doenças e a promoção da saúde, integrando o saber popular e do senso comum ao científico na construção compartilhada do conhecimento, ideia essa que advém da influência do pensamento de Paulo Freire da sua teoria da educação libertadora e conscientizadora (REIS, 2006; FREIRE, 1987).

Numa abordagem mais progressista, educar para saúde requer, primeiramente, que se compreenda seu caráter emancipatório, pois é uma atividade de livre escolha que, frequentemente, pode favorecer a saúde do educando pela sua busca incansável pela qualidade de vida. A emancipação é entendida aqui como um processo histórico de conquista e exercício da qualidade de sujeito consciente e produtivo, recusando-se a ser reduzido a objeto, sendo capaz de se definir e de ocupar espaço próprio na sociedade a qual se insere (FREIRE, 1987, 1997; DEMO, 2006).

A temática sexualidade humana é parte integrante do contexto da educação para saúde. De modo geral, a sexualidade é um tema de interesse público pois, a conduta sexual de uma população repercute na natalidade, na vitalidade das descendências e da espécie, o que por sua vez, se relaciona à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, povoamento e força de uma sociedade (ALTMANN, 2001).

Freire (2001) refere que, a sexualidade é o alongamento de nós mesmos. É produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza e que exige de nós, a busca do saber sobre o nosso próprio corpo. Por isso, segundo o autor, não podemos ser autênticos no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

De acordo com Bueno (2001, 2009) e Nunes (2005, 2006), dialogar sobre a sexualidade em nosso meio social e educacional pode contribuir para uma melhor qualidade de vida, na promoção da saúde física e mental e conseqüentemente, sexual e reprodutiva, como também na redução dos índices de gravidez não planejada, aborto, violência, bem como na tolerância e respeito à diversidade em relação à opção sexual, na orientação dos profissionais do sexo, na prevenção de DST/Aids, planejamento familiar e principalmente, na identificação de casos de abuso sexual e/ou pedofilia, pornografia e prostituição infantil entre outros. Podendo ser possível criar um ambiente livre de preconceitos, medos e discriminação, já que os referenciais de construção sobre a sexualidade atualmente se dão num contexto de aparências, de estereótipos, de banalização do sexo, dos sentimentos, das relações afetivo-sociais e do corpo.

Entendemos que a sexualidade é vista então como uma dimensão ontológica, essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada pessoa e deve ser compreendida em sua totalidade, muito além de sua determinação biológica ou de noção de genitalidade, de instinto, ou mesmo, de libido. A sexualidade vem sendo construída e reconstruída ao longo dos tempos e condicionada pelos diferentes momentos históricos, religiosos, econômicos, políticos, sociais e afetivos, expressando-se de forma ímpar, em cada sujeito (BUENO, 2009; FIGUEIRÓ, 2006).

Segundo as reflexões de Britzman (1998) e Ribeiro (1999), a sexualidade é a energia que leva o ser humano a movimentar-se e interagir com o meio ambiente, impulsionando suas ações na direção da satisfação das necessidades básicas e do premente desejo por prazer e a busca por satisfação de suas curiosidades e pela necessidade de promoção de sua saúde física e mental. Nesse sentido, a sexualidade pode ser entendida como algo inerente ao ser humano, que se manifesta em todo ciclo vital e de forma diferente a cada etapa do seu desenvolvimento.

Todas as dimensões da sexualidade estão inseridas no corpo humano de forma não isolada, moldada a partir de normas e códigos de uma determinada sociedade a que se faz parte. Ela é educada por toda realidade que a circunda, por todas as coisas com as quais se convive e pelas relações interpessoais que se estabelece. O corpo é o ancoradouro do mundo, um verdadeiro arquivo vivo, que pode ser modificado, aperfeiçoado, e suas necessidades produzidas e organizadas de diferentes maneiras, sendo um conjunto representativo de significados, visto como um organismo expressivo, capaz de transmitir por cinestesia, experiências, impressões, sentimentos e ideias. É no corpo e na subjetividade de cada pessoa que a sexualidade se apresenta (HIGHWATER, 1992).

A visão foucaultiana preconiza que a sexualidade não passa de uma elaboração histórica e que a nossa concepção do corpo e da sexualidade humana são portanto, a história dos sistemas de valores realmente fundamentais, de cada sociedade. O discurso biológico e médico centrados nos fenômenos biológicos da espécie humana tem dirigido os corpos de forma disciplinadora ou de forma exacerbada, na perspectiva de controle social e isso pode ser chamado de biopolítica que procura controlar e regular a espécie humana através dos fenômenos biológicos, como, natalidade, mortalidade, longevidade, higiene e saúde. A esse mecanismo existe um outro que é a disciplina do corpo do indivíduo que ao produzir efeitos individualizantes, torna os corpos dóceis e úteis (FOUCAULT, 2009).

Segundo Foucault (2009), um exemplo disso pode ser percebido a partir de meados do século XVI, com a sociedade capitalista, onde esta, não obrigou o sexo a calar-se ou a esconder-se ao contrário, o sexo foi incitado a se confessar, a se manifestar para ser transformado em discurso através de instituições como a escola, a família, o consultório médico e de saberes como demografia, biologia, medicina, psicologia, psiquiatria, moral, pedagogia, etc. podendo falar de sexualidade, nem que fosse somente para proibí-la, assim pode ser possível perceber os mecanismos de poder instaurados na sociedade.

Nos últimos três séculos houve uma explosão discursiva em torno e a propósito do sexo, o que acabou influenciando e refinando o vocabulário autorizado, um controle das enunciações, isto é, definiu-se quem fala para quem se fala, onde se fala e como se fala sobre sexualidade. Foucault (2009) coloca que o dispositivo da sexualidade tem como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global, coexistindo também na sociedade distintas formas de interditar o sexo, através da vigilância, da normatização, do controle dos corpos, através da produção e inserção da sexualidade e não pela sua negação ou proibição.

Hoje em pleno século XXI, pode ser observado que a sexualidade humana está sendo exposta de modo exacerbado, com forte instigação ao sexo, expondo a privacidade de seus cidadãos algumas vezes na forma de consumo ou de coisificação do corpo, como também, representando o rompimento com os valores morais e sexuais há muito estabelecidos, capazes de promover distorções sobre a sexualidade. Todas essas transformações vêm afetando a vida das pessoas e conseqüentemente, as interações sociais (FIGUEIRÓ, 2006).

Valorizar o sexo e a sexualidade como segredo no imaginário social ou como consumo e venda, pode gerar ansiedade e medo em relação ao prazer e o conhecimento do próprio corpo, trata-se então, segundo Foucault (2009), de se buscar outras formas de prazer, de relações, de coexistências e de laços de amor que melhor signifiquem a sexualidade.

Para se efetivar alguma transformação social em relação à compreensão da sexualidade humana, faz-se necessário como ponto de partida o entendimento dos padrões e normas sexuais de nossa sociedade e da forma como eles estão relacionados com a nossa estrutura histórica, sócio-econômica, educacional, política e cultural.

A formação do enfermeiro para ações educativas em relação à temática sexualidade humana, pode ser vista como uma proposta inovadora, humanizada, que rompe com a formação voltada para o modelo biomédico, biologicista, autoritário e normalizador das relações entre os serviços de saúde e a população e a educação progressista e dialética passa a ser mais valorizada em oposição à educação bancária que é envolta pela cultura do silêncio (BUENO, 2009; MAGALHÃES, 2007).

Transcender o conteudismo conservador da educação bancária (tradicional) e passar a enxergar os novos horizontes pedagógicos da educação libertária (revolucionária) que valorizam a capacidade criativa, construtiva, lúdica e cooperativa são objetivos almejados de algumas instituições de ensino que prezam pela formação global, holística e harmônica (FREIRE, 1987). Essa busca está centrada na educação do olhar estético diante da vida e do exercício de estudar. A alegria, o prazer, o lúdico, o artístico e o lazer devem fazer parte das instituições de ensino e de qualquer outro ambiente para que as pessoas não tenham adormecidas a sua sensibilidade e humanidade (PHILBERT et al., 2009).

Esse tipo de atitude é considerado emancipatório, que segundo Cunha (2006), exige conhecimentos acadêmicos e competências técnicas e sociais, entendida por Perrenoud (1999, p.7) “como uma capacidade de agir eficazmente, em um determinado tipo de situação apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles” que configurem um saber-fazer que extrapole os processos de reprodução. Isso se faz pertinente no presente estudo, que resgata a temática sexualidade humana e a formação docente.

3.2 Licenciatura em Enfermagem

A função primordial de uma universidade de modo geral é educar e formar recursos humanos altamente qualificados e socialmente ativos e transformadores da realidade social, engajados na produção de novos conhecimentos e práticas, como também em pesquisar, planejar e exercer novas formas de ensino, respondendo as demandas educacionais suscitadas pela sociedade e por meio de seus currículos escolares. O currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz (SILVA, 2004; CARVALHO, 2004; GIL, 2009; DELL' ACQUA, MIYADAHIRA, IDE, 2009).

É esperado que através do currículo escolar sejam perceptíveis os objetivos e o perfil esperado dos estudantes através das ementas disciplinares, além de projetos, estágios e atividades complementares para que vise à formação docente dos estudantes de licenciatura e que não seja mais considerada como uma atuação secundária e sim, como uma ação reflexiva da transformação social (RODRIGUES, MENDES SOBRINHO, 2007).

A elaboração de um currículo escolar envolve aspectos de técnica, método, procedimento, questões sociológicas, políticas, epistemológicas, dessa forma pode ser possível entender o currículo como um elemento atemporal, tendo uma história vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. Este estreito relacionamento entre currículo e sociedade confere ao mesmo um caráter de mudança permanente refletido pelas transformações sociais (ALVES, 1996; ALMEIDA, 2007).

De acordo com Scheffler (s/d, p. 11 apud CARVALHO et al, 2004),

“uma sociedade que aspire a ser genuinamente democrática não pode ater-se a uma visão restrita e meramente técnica de formação de professores. Ela deve estimar - e verdadeiramente fomentar - a relevância fundamental do pensamento crítico em todas as esferas que dizem respeito à vida cultural. Ela precisa, de forma especial, conceber seus professores não simplesmente, como agentes profissionalmente equipados para desempenhar seu papel com eficiência em face de qualquer meta que lhes for exteriormente estabelecida. Ao contrário, deve concebê-los como homens e mulheres livres como uma dedicação especial aos valores intelectuais e ao cultivo da capacidade crítica dos jovens. Nesse papel, os professores não podem restringir sua atenção somente aos procedimentos isolados de uma sala de aula, deixando a outros a determinação dos propósitos da escolaridade em um contexto social no qual esses objetivos devem prosperar. Se, analogamente, concebermos a formação de professores não como um simples treinamento para a competência individual em certas atividades de aula, mas como desenvolvimentos de uma classe de intelectuais vitais para uma sociedade livre, podem vislumbrar como mais clareza o papel da formação universitária e dos estudos acadêmicos nesse processo. Pois, embora estes nem sempre resultem em eficácia prática direta, lidam continuamente, com as

questões que dizem respeito ao significado da prática educacional, a seus objetivos e contextos. Estas são questões que os alunos devem ter continuamente, diante de si em seus processos de formação como professores, se pretendemos que eles sejam agentes responsáveis na determinação dos propósitos e das condições da educação. Ligar a formação de professores a tais questões é a tarefa especial que se abre como oportunidade à universidade”.

Pode-se dizer de modo geral, que um dos objetivos dos cursos de licenciatura é formar professores responsáveis, cooperativos, inovadores, inseridos socialmente, orientados por princípios éticos e comprometidos com a transformação social. O processo educativo é um fenômeno humano, histórico e multidimensional com múltiplas implicações e relações, a vivência e o confronto entre as diversas abordagens de ensino (tradicional; comportamentalista; humanista; cognitivista; sócio-cultural etc.) pode subsidiar ao futuro professor, a reflexão do seu próprio fazer e assim buscar o seu aprimoramento e superação coerentes com uma postura crítico-reflexivo, que os impulsionem a formação continuada (MIZUKAMI, 1986; CARVALHO, 2004).

O curso de Licenciatura em Enfermagem da universidade pesquisada passou a ser ofertado a partir do ano de 2006, conferindo ao estudante o grau de Licenciado em Enfermagem e o título de Enfermeiro, valorizando uma formação humanista e ética, com atitudes e valores orientados para a cidadania e para a solidariedade.

A formação humanista dos estudantes de enfermagem retrata um processo que envolve o compromisso com a vida, compreendendo formação não como uma proposta de conformar ou modelar, mas sim, como uma “formação formativa” que segundo Zabalza (2004), qualifica o futuro profissional e o desenvolve como sujeito social, ativo, ético e solidário, dentro de um processo de humanização e de constante ação-reflexão e ação (ALMEIDA, 2007).

O curso dessa instituição pública está em sintonia com as Diretrizes Curriculares aprovadas pelo Ministério da Educação (Parecer 1133/2001 do CNE/CSE) com as Diretrizes de Formação de Professores (Parecer 001/2002 do CNE/CP1), com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) e com Plano Nacional de Educação (PNE).

O objetivo geral do curso é capacitar o graduando “para atuar na promoção da saúde na educação básica e profissional em enfermagem, bem como na prática assistencial de enfermagem nos distintos campos de atuação; com competência técnica, política, ética e humana, socialmente crítico e responsável pelos destinos de uma sociedade que se deseja justa, democrática e auto-sustentável”, como promotor da educação e saúde integral do ser humano (BRASIL, 2001).

Em geral, o curso busca proporcionar aos estudantes o desenvolvimento de competências que visem o cuidado integral às necessidades individuais, nas distintas fases do ciclo vital e coletivas na organização e gestão dos serviços de saúde, segundo os princípios da Atenção Primária à Saúde (APS) e contemplando as subáreas (NAKAMAE, 1987; LUDKE, BOING, 2004).

Esse curso tem concomitante o saber disciplinar e o saber pedagógico, articulados com a prática profissional através dos estágios, projetos acadêmicos e com o tripé na pesquisa, ensino e extensão, promovendo também a formação continuada e a pluralidade de abordagens (MIZUKAMI, REALI, 2002).

No contexto educacional é proporcionado aos alunos o desenvolvimento de competências para docência no ensino básico, direcionada para promoção da saúde e na educação profissional em Enfermagem na formação de recursos humanos técnicos. Isso é possível a partir das vivências num determinado cenário de ensino-aprendizagem, fazendo com que mobilizem diversos recursos como refletir, agir e refletir sobre a sua prática, conhecimentos e postura ética e social, de modo a contribuir com a transformação social da realidade (EBISUI & BUENO, 2009; SAMPAIO, KURCGANT, 2009; FERNANDES et al, 2009).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, os estudantes terão uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, sendo qualificado para o exercício da enfermagem e da docência, com base no rigor científico e intelectual pautado em princípios éticos de responsabilidade social e compromisso com a cidadania na promoção da saúde (BRASIL, 2001).

A humanização ganha espaço no ensino de Enfermagem, porque os valores humanos contribuem para o processo de formação da personalidade do aluno, facilitando a veiculação de ideias, fortalecendo os princípios de vida e o desenvolvimento de atitudes adequadas ao profissional. A humanização na saúde vai além de valorizar o cuidado em suas dimensões técnicas, científicas e aspectos biológicos do ser humano, o usuário do sistema de saúde passa a ter os seus direitos reconhecidos e respeitados, como também a sua individualidade, dignidade, autonomia, subjetividade, contexto, escolaridade, saberes etc. (ALMEIDA, 2007).

Atualmente, os cursos de Enfermagem valorizam a consciência crítico-reflexivo do aluno como também, o aprendizado adquirido, construído no contexto individual e coletivo, na pesquisa ou extensão, visando à formação de profissionais engajados com realidade social, prevendo a formação dos alunos nas áreas de assistência, gerência, ensino e pesquisa, como

possibilidades de transformação na saúde e na educação junto a diferentes clientelas (SECAF, 1987; ITO et al., 2006).

Segundo Oguisso (2002 apud CAVERNI, 2005) conhecer a História da Enfermagem Brasileira é importante a todo estudante e profissional da área, para compreender os meandros percorridos pelos (as) pioneiros (as) da profissão e entender as razões que motivaram as decisões tomadas, cujas consequências se refletem nos dias de hoje no processo de formação profissional enfermeiro.

De acordo com a legislação e o processo histórico do curso de Licenciatura em Enfermagem no Brasil, os licenciandos podem ser preparados para atuação docente em atividades educativas em saúde, em escolas de educação básica, por isso, é importante que se contemple em sua formação saberes específicos, pedagógicos, didáticos e práticos e também podem atuar na formação de recursos humanos para Enfermagem (BAGNATO, 1994).

Algumas mudanças ocorridas nos cursos de Licenciatura em Enfermagem foram impulsionadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) que prevê a reestruturação dos cursos de graduação, com a extinção dos currículos mínimos e a adoção de diretrizes curriculares específicas para cada curso, com a possibilidade das Instituições de Ensino Superior definirem diferentes perfis de seus estudantes / egressos e adaptarem esses perfis às transformações das ciências contemporâneas e às necessidades políticas, sociais econômicas e educacionais da sociedade (ITO et al., 2006).

Atualmente é exigido do futuro docente de Enfermagem, competência em uma área de conhecimento articulado com as demais, domínio pedagógico, cognitivo, emocional, atitudinal, responsável e ético e exercer a dimensão política de sua prática (EBISUI & BUENO, 2009).

É importante que o licenciando em enfermagem entenda o seu papel na educação básica que é formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, e que tem por finalidade “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (LDBEN 9394/96 Art. 22).

O curso de Licenciatura em Enfermagem assume uma importância significativa na formação de profissionais que irão lidar com a qualificação de outros trabalhadores, no caso, o auxiliar e o técnico de enfermagem. A qualidade profissional desses profissionais pode depender da formação que estão recebendo, isto é, da maneira que os professores (enfermeiros licenciados) os estão formando, isso se configura em uma permanente busca do saber e da

inovação, para atender à formação das futuras gerações profissionais técnicos da área de Enfermagem (BAGNATO, 1994; EBISUI & BUENO, 2009).

A formação docente dos licenciandos em Enfermagem não se realiza num espaço de neutralidade ou num quadro abstrato idealizado utopicamente, mas inserido num complexo contexto social, político, econômico, cultural, religioso e institucional e por isso é preciso valorizar as peculiaridades do cotidiano da vida escolar, seus saberes, valores, história, representações, metas e projetos. É possível compreender o complexo não no sentido de complicado, mas sim, como a acepção segundo Morin (1984 p.14) que “complexidade não se reduz à complicação. É qualquer coisa de mais profundo; que emergiu várias vezes na história da filosofia”, ou seja, aquilo que envolve e engloba múltiplas referências.

3.3 Docência e formação

O docente é um profissional produtor de saberes, influenciado por diversos segmentos e experiências baseados no seu trabalho cotidiano. A partir disso, passa a estabelecer um ciclo de relações entre a teoria, a prática e a busca de significações para suas ações e observações, o que pode propiciar a sua autonomia e identidade docente (PERRENOUD, 1993; TARDIF, 2002).

Segundo Nóvoa (1997) o que sustenta o processo identitário dos professores é 1. adesão de princípios e valores o que implica num posicionamento; 2. ação que reflete as suas escolhas visando a melhor maneira de agir em sintonia com a sua personalidade e postura pedagógica; e 3. autoconsciência que é a reflexão de seu posicionamento, atitudes, objetivos e expectativas internas e externas.

A formação de um educador não é construída por acumulação de cursos ou técnicas mas sim, através de um trabalho de reflexividade crítica sobre suas práticas, de construção e reconstrução permanente da sua identidade pessoal e de buscas de referências teóricas com base no diálogo e discussão com seus pares (NÓVOA, 1995, 1997; PIMENTA & ANASTASIOU, 2002).

A identidade docente é construída de acordo com o modo de ser e de estar na profissão e não é entendida como um dado adquirido ou produto, porque este é um processo que necessita de tempo, estímulos, aprimoramento, ousadia, reflexão e ação. Portanto ensinar exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes do educando, criticidade, estética e ética, risco, aceitação do novo, rejeição à discriminação, autonomia, etc. (FREIRE, 1997).

Freire (1997, p. 43) afirma que no desenvolvimento docente “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando, criticamente, sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Além da competência técnica e científica é indispensável uma preparação com comprometimento político. Percebe-se uma tendência dos professores em privilegiar a dimensão técnica do ensino-aprendizagem em relação à capacidade de lidar com conteúdos e à habilidade de construí-los e reconstruí-los com os alunos, em detrimento das outras dimensões: dimensão política, ética e estética (RODRIGUES, MENDES SOBRINHO, 2007).

Uma das competências específicas para a docência pode-se dizer que é o domínio do saber pedagógico, essencial no planejar, organizar e implementar de processos de ensino-aprendizagem, como também a mobilização dos saberes da experiência e dos saberes do conhecimento, articulados com quatro eixos do processo de ensino-aprendizagem: conceito de processo ensino-aprendizagem, o professor como conceptor e gestor do currículo, a compreensão da relação professor-aluno e aluno-aluno no processo, e a teoria e prática básicas da tecnologia educacional (RODRIGUES, MENDES SOBRINHO, 2007).

O que constitui a especificidade de ser professor é o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas básicas no âmbito das estratégias de ensino, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação, atitudes e valores para desenvolver uma diversidade de funções e estar inserido constantemente no ambiente da pesquisa e saber realizar a transposição didática, processo pelo qual a cultura ou um saber é transformado em objeto de ensino e de aprendizagem; para isso é necessário planificar, animar, coordenar e concluir as situações didáticas e que sejam capazes de modificar tarefas instrutivas continuamente, numa tentativa de adaptação da diversidade dos alunos e que estejam comprometidos com o meio social (PERRENOUD, 1993; SACRISTÁN, 2000; COSTA, 2003; FARIA, CASAGRANDE, 2004; IMBERNÓN, 2009).

O professor tem a função social estrategicamente tão importante quanto à da comunidade científica e a dos grupos produtores de saber, porque o professor é um produtor diário de saberes e esses de modo geral são temporais, plurais e heterogêneos, ecléticos e sincréticos, personalizados e situados. (TARDIF, 2002; COSTA, 2003; MADEIRA, LIMA, 2007).

Pode-se dizer que a formação profissional docente não está mais restrita a racionalidade técnica, mas envolve um pensamento reflexivo através da valorização da criatividade, da participação, do comprometimento com situações que possibilitem a produção e construção do conhecimento, podendo ser visto como um processo ao longo da carreira profissional, na

qual o professor aprende progressivamente a dominar o seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza tornando-se parte de sua consciência prática e de construção da cidadania (PINHEL, KURCGANT, 2007).

A docência em Enfermagem pode-se dizer que envolve o domínio de habilidades técnicas, fundamentadas e interligadas a um saber didático-pedagógico e também aos saberes ocultos, tácitos, gerados na sua experiência e convívio com uma equipe multidisciplinar em que se desenvolve a capacidade de explicitar, clarificar e estabelecer as ligações necessárias entre teoria e prática. De modo geral, os cursos de Enfermagem mesclam e agrupam em torno de si um conjunto de teorias e de aptidões práticas, que pode permitir sua aplicação no contexto profissional e social (PERRENOUD, 1993; SACRISTÁN, 2000; COSTA, 2003).

A formação do professor reflexivo em Enfermagem vai exigir uma redefinição em sua prática docente, em especial quanto ao desenvolvimento de certos saberes e competências. As novas demandas para o ensino e aprendizagem na área de Enfermagem apontam para uma perspectiva interdisciplinar de diálogo com outras áreas de conhecimento, o que implica necessariamente, o abandono, a saída de um sistema estanque cartesiano de departamentalizar de forma hermética os diferentes saberes, revelando a possibilidade de desenvolvimento de uma nova prática educativa em Enfermagem, assim como em outras esferas educacionais mais comprometida com a sociedade e, necessariamente, mais igualitária (FARIA, CASAGRANDE, 2004; MADEIRA, LIMA, 2007).

De modo geral a formação profissional pretendida para os estudantes dos cursos de Licenciatura em Enfermagem é mais aberta e dialógica, crítica e flexível; solidamente alicerçada em conhecimentos e principalmente, fundamentada na ética, voltada para o desenvolvimento do raciocínio, da autonomia, da criatividade, da comunicação e da capacidade de identificar problemas e buscar alternativas para superá-los. Somente assim, o estudante estará construindo suas competências e habilidades voltadas para a superação dos conflitos existenciais e éticos, bem como para o enfrentamento dos desafios que a convivência social e o mundo do trabalho apresentarão no decorrer de sua trajetória de vida e de profissional (PINHEL, KURCGANT, 2007).

3.4 A sexualidade humana

A sexualidade humana passou a ser olhada a partir dos estudos sociológicos da família e em decorrência disto, foi pesquisado também o papel da mulher na sociedade, a evolução demográfica, os índices de natalidade associada à força de trabalho, mas foi com Freud (1996) que a sexualidade ganha importância e abertura, com a afirmação de que o sexual não é um atributo puramente biológico, e não se identifica somente sob o aspecto genital, revelando a influência do instinto sexual na formação do caráter, no estado psíquico e nas relações sociais dos homens entre si e consigo próprio assim como manifestações de repressão em contrapartida (SCHELKY, 1968).

Foi a partir do cristianismo, que foi influenciado e despertado em cada pessoa o cuidado com a salvação da alma, assim as pessoas se encontraram inevitavelmente diante do valor individual de seus atos e da sexualidade acima de tudo, considerando que foi nesse aspecto que a sexualidade se tornou individualista e autística distante da própria pessoa e de sua essência. Pode-se considerar que todo tipo de repressão em relação à sexualidade e seus instintos faz parte do aparelhamento intelectual e do vocabulário de todos aqueles “diretores da consciência” e do comportamento socialmente instituído, mas a tomada de consciência e ou a vulgarização em torno da sexualidade humana quando imposta, não atinge o resultado esperado para o autoconhecimento e o respeito ao próximo e a diversidade, enfim, uma existência livre e bem orientada. Silenciar as manifestações corpóreas e emocionais pode provocar perturbações psíquicas, distorções do comportamento do homem na coletividade e fortalecer efeitos destruidores da vulgarização sobre as tradições sociais (SCHELKY, 1968).

A importância de se proporcionar um diálogo aberto e horizontalizado sobre a sexualidade humana é a forma mais segura e preventiva de qualquer tipo de doença, seja ela ou não, infecto contagiosa. A falta de conhecimento e informação adequada associada à repressão, dissimulação, credices populares, tabus, preconceitos e desconhecimento de si e do outro, pode vir a favorecer a disseminação de inúmeras patologias e pode configurar um processo de assexualidade tanto do futuro profissional como do usuário do serviço de saúde e influenciar negativamente a qualidade da assistência (DIAS, 2000).

Por isso, a educação preventiva ganha um importante espaço na área da saúde, suscitando aos seus profissionais competências e saberes pedagógicos diversos, envolvendo no caso do docente, saberes das disciplinas (conteúdos / ou eixos temáticos a serem trabalhados), os saberes curriculares (programas das disciplinas), os saberes profissionais (das ciências da educação), os saberes da experiência (produzidos no cotidiano) e os saberes

culturais (relativo à cultura do professor, dos alunos e do contexto no qual estejam inseridos) (DIAS, 2000).

Pode-se considerar então papel fundamental a articulação entre a área da saúde e da educação, para a conscientização coletiva e individual, sobre o espaço que a sexualidade humana desempenha na vida de todas as pessoas, desde os relacionamentos até mesmo nas esferas sociais, culturais, econômicas, políticas, esportivas.

A sexualidade não pode ser mais discutida pela perspectiva higienista e repressiva, da ordem médica, o que até então era do jurídico, em que os efeitos nocivos da sexualidade ou a classificação e etiquetagem das práticas sexuais que escapavam aos ditames morais, excluía o direito à diferença e a diversidade de ideias e em relação à sexualidade. Segundo Freud (1996), subordinar a sexualidade à função reprodutora é um critério demasiadamente limitado.

Para que ações educativas em sexualidade, entre outros assuntos correlatos nessa área possam ter bons resultados, é imprescindível que os profissionais sejam eles da educação ou da saúde estejam preparados e instrumentalizados de acordo com os referenciais teórico-práticos sobre sexualidade humana, gênero, corpo e afetividade (aspectos sócio-históricos, culturais e espirituais) e que tenham habilidades comportamentais éticas para lidarem com essa temática de forma natural e não somente focada na técnica, na informação ou na tríade saúde-doença-prevenção (BUENO, 2009).

Todavia, acreditamos que é através da educação e da comunhão entre as pessoas que o ser humano torna-se mais humano, e que através dela se projeta à sociedade que se deseja sabendo que a sexualidade faz parte desse contexto, já que toda prática educativa é um exercício de sociabilidade. O processo educativo seja do ensino básico, superior e portanto, nas relações sociais, em todos os seus aspectos e níveis, não podem continuar a ser tratados e vividos como se fossem assexuados, enquanto o cotidiano vulgariza, reprime, distorce, padroniza e empobrece o ser humano de sua própria sexualidade (FIGUEIRÓ, 1995; 2006, FREIRE, 2001; BUENO, 2001).

A sexualidade humana sempre foi e ainda é um tema de interesse e repercussão pública e que tem múltiplos entendimentos em relação ao termo educação e ou orientação sexual. É importante esclarecer que o termo educação sexual para nós é o mais coerente com a proposta educacional e de formação de educadores e profissionais da saúde, atentos ao processo de ação-reflexão-ação articulados com o pensamento crítico reflexivo, dialógico e transformador da realidade social e não visto como um processo de orientação realizado de modo formal e sistemático por instituições de ensino, vinculado ao modelo tradicional e de caráter informativo (PISSATO, 1981; DILLY & JESUS, 1995; BUENO, 2001 e FIGUEIRÓ, 2006).

“Acredita-se que independentemente da forma como a sexualidade foi abordada na infância e adolescência do indivíduo, a escola ou a universidade não podem omitir ou marginalizar a discussão do processo da sexualidade humana, se realmente objetiva que esses alunos tenham uma visão holística do homem, que para sua atuação profissional, que para sua autocompreensão enquanto ser de relação. A enfermagem insere-se dentro deste contexto sócio-cultural [...]” (GIR, NOGUEIRA, PELÁ, 2000, p. 34).

Refletir e investigar sobre a formação de educadores da área da saúde para a temática da sexualidade, com a finalidade de auxiliá-los a lidarem (direta ou indiretamente) com esse tema de forma positiva, mais humanizada e prazerosa em prol de uma melhor qualidade da assistência, pode contribuir com as políticas públicas de saúde e da educação, em prol de uma melhor formação de profissionais envolvidos com ações educativas (BUENO, 2001-9; GUIMARÃES, 1995).

No demais, vale ressaltar que esse assunto entre outros correlatos resgata a importância de se lidar com a sexualidade de forma transversal, perpassando por todos os espaços que integram a escola ou a assistência em saúde como um todo, ou seja, que possa ser planejado para constar como assunto no currículo das instituições de ensino superior fazendo parte do Projeto Político Pedagógico.

4. METODOLOGIA

A abordagem metodológica de investigação foi desenvolvida por meio de uma pesquisa qualitativa “que trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, DESLANDES, GOMES, 2008, p. 21), tem cunho humanista, apropriando-se de um estudo descritivo-exploratório, mediatizada pela metodologia da pesquisa-ação, que é um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e associada a uma ação ou a propostas que vise à resolução de um ‘problema’ ou a geração de conhecimentos (THIOLLENT, 2008).

Segundo Thiollent (2008), o sentido de proposta sem ação efetiva, não invalida a metodologia em questão, porque a pesquisa não se limita somente a uma forma de ação intervencionista com os sujeitos participantes da pesquisa, mas também em aumentar o conhecimento ou o nível de consciência das pessoas e grupos envolvidos em relação à temática pesquisada. Os resultados obtidos através da pesquisa podem ser divulgados de forma científica, na comunidade local e para os participantes da investigação.

De acordo com Freire (2000, p. 102), todo processo que visa gerar conhecimento conduz também a conscientização e ampliação do saber, que é a mola propulsora das transformações sociais, “o exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor do quê, de quem, o contra quê, o contra quem, são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo”.

Essa metodologia foi escolhida por levar em consideração o levantamento de problemas da realidade a ser estudada e a realização de proposta visando à compreensão do estudo em apreço, com a possibilidade de realizar propostas que possam contribuir na produção de conhecimento através da análise, interpretação e categorização dos dados com base no referencial teórico de Paulo Freire, obtidos na coleta de dados por meio da observação participante utilizando-se de um diário de campo e de um questionário semi-estruturado como instrumento (BUENO, 2009; BARDIN, 2009; THIOLLENT, 2008; FREIRE, 1987).

Os participantes dessa pesquisa foram estudantes do 4º ano de Licenciatura em Enfermagem de uma instituição superior pública do interior paulista, no segundo semestre do ano de 2009.

Foram observados na média 34 estudantes, durante a observação participante realizada através do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), da disciplina de Didática III durante 08 dias, dos 34 estudantes, 16 responderam ao questionário.

Esse estudo atendeu ao rigor científico e aos preceitos éticos exigidos pelo CONEP, na realização de pesquisa com seres humanos de acordo com a resolução 96/196 do Ministério da Saúde referente às normas éticas de pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo o anonimato, a privacidade, a participação voluntária e a utilização científica dos resultados (BRASIL, 1997), sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa de uma instituição superior pública do interior paulista.

4.1 Análise dos dados

Para a análise e interpretação dos dados, utilizamos os pressupostos da análise temática (categorias) preconizado por Freire (1987), adaptado por Bueno (2001). O desenvolvimento desse estudo seguiu as seguintes fases:

- A primeira fase consistiu na leitura flutuante dos registros feitos no diário de campo por meio da observação participante e das respostas contidas no questionário, visando estabelecer um levantamento do universo temático (categorias) que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (BARDIN, 2009; MINAYO, DESLANDES, GOMES, 2008).

Os seguintes passos foram seguidos para análise e interpretação dos dados: a) seleção: é o exame minucioso dos dados e crítico, com a finalidade de detectar falhas evitando informações confusas, distorcidas e incompletas; b) codificação: é a técnica operacional utilizada para categorizar os dados que se relacionam. Mediante a codificação, os dados são transformados em símbolos, podendo ser tabelados e contados. A codificação subdivide-se em duas partes: 1) classificação dos dados, agrupando-os sob determinadas categorias; 2) atribuição de um código, número ou letra, tendo cada um deles um significado; c) tabulação: é à disposição dos dados em tabelas, possibilitando maior facilidade na verificação das inter-relações entre eles (MARCONI & LAKATOS, 2009, p.168-170).

- A segunda fase consistiu na análise, interpretação e categorização das respostas obtidas através do questionário. Para isso, faz-se um recorte do texto, selecionando frases ou palavras repetidas com mais frequência ou colocados com ênfase pelos sujeitos participantes do estudo, que possam ser agrupados pela riqueza temática, codificando-os em temas geradores que possibilite a compreensão.

Vale destacar que a análise e interpretação dos dados são duas atividades distintas, mas estreitamente relacionadas. 1) Análise (ou explicação): é a tentativa de evidenciar as relações

existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. 2) Interpretação: é a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Já a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente por reagrupamento segundo critérios previamente definidos como, por exemplo, por categorias temáticas. Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles têm em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte existente entre eles (BUENO, 2009; 2001; MARCONI & LAKATOS 2009; BARDIN, 2009).

- A terceira fase está destinada à divulgação dos resultados obtidos através da conclusão da pesquisa para a Comissão de Graduação da instituição pesquisada, comunidade em geral, meio científico e acadêmico, inclusive apresentando como sugestão, a proposta em questão contida nessa pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Reflexões sobre a observação participante

A observação foi realizada durante oito dias, com a média de trinta e quatro estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem durante a disciplina de Didática III, que tem como objetivo propiciar ao licenciando a identificação de problemas de Educação para a Saúde, dentro de uma perspectiva progressista, crítico-social, junto aos escolares de Ensino Básico, favorecendo o desenvolvimento do processo educativo, tendo em vista a prática docente e a implicação de tecnologias/estratégias e recursos didáticos aplicados no cotidiano escolar (BUENO, 2009).

Segundo Marconi & Lakatos (2009), a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade e muitas vezes, exige do pesquisador um contato mais direto com seu objeto de pesquisa, podendo ser feita de forma assistemática / não estruturada ou sistemática / planejada.

De acordo com Freire (1993; 2000) faz parte de toda observação, o registro, esta prática instiga e subsidia o estudo da cotidianidade vivida para além das percepções imediatas, desafiando o pensar sobre as diversas experiências bem como as relações entre elas, visto que a prática de registrar nos leva a observar, comparar, selecionar, estabelecer relações entre fatos e coisas através da possibilidade de distanciar-se epistemologicamente de sua própria reflexão, bem como a possibilidade de recuperar a posteriori, a compreensão de um momento anterior, elevando a reflexão a outros patamares, num processo permanente para compreender e transformar a prática.

Durante esse estudo foi possível perceber alguns encontros e desencontros em relação ao conhecimento e estratégias educativas sobre a temática sexualidade humana, por parte dos estudantes da Licenciatura em Enfermagem. No decorrer da observação e das apresentações dos trabalhos dos estudantes, a questão didática do ensino gera algum tipo de insegurança e equívocos nos alunos, principalmente referente à sexualidade.

A temática em apreço está tão difundida de maneira informativa que parece não mais precisar de aprofundamento ou estudo já que faz parte do cotidiano das pessoas e é inerente ao ser humano, mas ao mesmo tempo, esse assunto tem demonstrado muitas distorções e equívocos por ser pouco refletido, dialogada de forma relacional, afetiva, social e aberta no contexto educacional.

De acordo com os registros no diário de campo, os estudantes do 4º ano de Licenciatura em Enfermagem retrataram que a temática sexualidade humana e seus desdobramentos fazem parte da educação básica, profissionalizante e do contexto da saúde, mas que ainda se faz necessário uma maior compreensão sobre a questão da sexualidade em relação ao assunto, linguagem e estratégias de ensino. Também foi possível perceber a interdisciplinaridade na construção de seus projetos e trabalhos.

O que se evidenciou sobre a formação dos licenciandos para sexualidade, é de trazê-la ao status do permitido, do humano, ao nível da palavra e da reflexão crítica, de forma mais transversal, humanizada, afetiva e significativa.

Hoje em dia, entende-se a formação como um processo contínuo, e não como uma formação definitiva. Assim, a função formadora da universidade em questão não se concretiza de uma só vez. Ela é considerada um processo em que os estudantes não só se iniciam em certos conhecimentos constituídos socialmente, mas onde vão encontrar e desenvolver possibilidades de uma formação que corresponda a seus interesses, as suas aspirações e de seu papel na sociedade. É preciso lutar contra os processos de padronização como se houvesse uma única forma de conhecimento ou uma só alternativa de formação, para que não cause uma cegueira epistemológica e valorativa, destruindo as relações entre os objetos, eliminando as demais formas de conhecimento (CUNHA, 2006; PERRENOUD, 2000).

As apresentações de planos de aula e suas etapas sobre diversas temáticas, incluindo a da sexualidade realizada em sala de aula sobre as experiências vivenciadas no estágio, fizeram com que inferíssemos que os estudantes estão passando por um período de transição em relação ao que se pode esperar desses futuros profissionais.

O currículo dessa primeira turma que inaugurou o curso de Licenciatura em Enfermagem em 2006 passou por algumas mudanças desde as disciplinas, ementas, carga horária, articulação dos saberes e da postura de seus docentes. Pode-se dizer que isso aconteceu porque foi percebido que a proposta do ensino atual caminha para não ser mais departamental, hermético, rígido e que consiga responder a todas as necessidades e exigências para a formação do licenciando em Enfermagem. Mas, que possa permitir também a interdisciplinaridade, intercâmbio entre alunos, docentes e instituições, assim como a articulação dos diversos saberes, vislumbrando assim, a visão integralizadora do ser humano e do mundo em que vivemos nos dias de hoje e do futuro.

Todavia, para realizar inovações na proposta curricular é preciso ter coragem de reconhecer formas alternativas de saberes e experiências, nas quais imbricam objetividade e subjetividade, senso comum e ciência, teoria e prática, cultura e natureza, anulando

dicotomias e procurando gerar novos conhecimentos mediante novas práticas. Estas inovações são entendidas como rupturas paradigmáticas que exigem dos professores e das instituições uma reconfiguração de saberes e que favoreçam o reconhecimento da necessidade de se trabalhar no sentido de transformação (CUNHA, 2006).

Entendemos então, o que ocorreu e vem ocorrendo na universidade pesquisada que visa construir uma formação acadêmica que esteja à altura das necessidades e expectativas sociais e para isso, é preciso que haja uma transformação didático-pedagógica que, além de atualizar o quadro de referência geral e os eixos temáticos como tais, transformem as estratégias de formação, a gestão educativa e em particular, o status dos estudantes futuros-professores e dos professores-formadores nas instituições formadoras de docentes (JOLIBERT, 2007).

Desta forma, a observação participante trouxe informações que auxiliou na compreensão da postura dos estudantes frente a sua “práxis” em relação à sexualidade humana e sobre como estão sendo preparados os estudantes para essa temática e de que forma pode ser possível aprimorar sua formação em relação ao assunto em questão.

5.2 Análise dos dados do questionário

A análise das respostas dos participantes da pesquisa foi através da leitura flutuante. Essa possibilitou a compreensão, o interesse e a estrutura curricular do curso de Licenciatura em Enfermagem para a temática sexualidade humana e seus desdobramentos, que se inserem no contexto da saúde e da educação e o interesse dos alunos sobre essa temática. Em seguida, foi realizada a releitura de cada resposta, visando identificar elementos estruturadores e comuns entre os comentários sobre o assunto pesquisado, de forma que pudessem ser construídas categorias, proporcionando o eixo para análise dos mesmos.

Para apresentação dos resultados foram elaborados quadros considerando as diferenças e semelhanças nas respostas e de interesse dos estudantes.

A seguir, apresentaremos os resultados da análise dos instrumentos juntamente com a discussão dos dados obtidos. A partir dessas respostas, foi realizada a categorização e reflexão como segue abaixo.

De acordo com a identificação dos participantes desse estudo, esses se constituíram em 16 estudantes do 4º ano de Licenciatura em Enfermagem que responderam o questionário.

As questões do instrumento utilizado nesta pesquisa exigiram reflexão por parte dos estudantes sobre a sua formação, saberes, currículo, prática profissional através do estágio e identidade docente, principalmente associada à sexualidade humana, durante o período de graduação.

Este processo de reflexão segundo Bordas (1996 apud PETTENGILL 1998), “significa repensar o ato de ensinar enquanto ato pedagógico, ou seja, ato que tem um sentido ético político, um sentido epistemológico diante do conhecimento e um sentido relacional de interação entre subjetividades distintas” e também repensar a sua instituição formadora, desde seu corpo docente, estrutura física, política, currículo etc.

Quadro 1

• Distribuição qualitativa da identificação dos participantes do estudo

Dados de identificação dos sujeitos: Idade, sexo, estado civil e religião.				
Sujeitos	Idade (anos)	Sexo	Estado Civil	Religião
1	23	Feminino	Solteiro	-
2	22	Feminino	Solteiro	Católico
3	31	Masculino	Casado	Evangélico
4	25	Feminino	Solteiro	Agnóstico
5	23	Feminino	Solteiro	Evangélico
6	30	Feminino	Casado	Católico
7	24	Feminino	Solteiro	Católico
8	23	Feminino	Solteiro	Católico
9	26	Masculino	Solteiro	Católico
10	26	Feminino	Solteiro	Católico
11	28	Feminino	Solteiro	Espírita
12	23	Feminino	Solteiro	Católico
13	23	Feminino	Solteiro	Católico
14	42	Feminino	Casado	Evangélico
15	22	Feminino	Solteiro	Evangélico
16	25	Feminino	Solteiro	Evangélico

Sobre a caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa, esses são estudantes do 4º ano de Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo - EERP/USP. Idade: (14) 20 anos \geq 30 anos; (01) 31 anos \geq 40 anos; (01) 41 anos \geq 50 anos. Sexo: (14) Feminino; (02) Masculino. Estado Civil: (13) Solteiro; (03) Casado. Religião: (08) Católico; (05) Evangélico; (01) Espírita; (01) Agnóstico; (01) Sem resposta.

A maioria dos respondentes foi do sexo feminino, solteiro, com idade abaixo dos 30 anos, com predominância da religião católica e seguida da evangélica e da espírita.

De modo geral, a Enfermagem originalmente, é feminina, porque era uma profissão que visava o cuidar, atividade que na sociedade era papel fundamental da mulher. Exemplo, disso é o fato de ser a segunda profissão feminina no Brasil, perdendo apenas para a licenciatura, as professoras tinham a função de educar os outros, pois, como mulheres, educavam seus próprios filhos e poderiam estender esta atividade.

A Enfermagem é descrita como ciência e arte de cuidar de indivíduos, famílias e comunidades. É atividade secular, que ganhou mérito científico através de Florence Nightingale. Sua fase moderna surgiu com a Fundação da Escola Nightingale de Treinamento para Enfermeiras anexa ao Hospital Saint Thomas, em Londres, no séc. XIX. Através de

Florence Nightingale, consolidou-se, portanto, uma nova concepção de Enfermagem arraigada em princípios, ensino e arte do cuidado, afirmando-a como prática científica (CARVALHO, 2004).

Segundo Brêtas, Ohara e Querino (2008, p. 572) a enfermeira é vista na sociedade com ambigüidade, ora um anjo assexuado desprovido de qualquer tipo de prazer, ora um objeto sexual. Isto se deve ao fato de que a mulher tem sido considerada objeto digno de veneração. Anjo ou demônio são dois estereótipos que encarnam dois dos mitos mais universalmente difundidos a respeito da mulher, o mito da bondade e da maldade feminina. Assim, tanto a mulher quanto a enfermeira, e esta duplamente, carregam estereótipos que se confundem e se somam, no caso desta última por predominar o gênero feminino na profissão.

A Enfermagem como prática naturalizada feminina, constituindo-se provavelmente, em uma das profissões mais antigas, exercidas por mulheres. Podemos destacar vários motivos para isso, mas o aspecto cultural de que o cuidar é socialmente feito para as mulheres ainda se destaca. Além disso, os homens foram socialmente preparados para assumir cargos de liderança, o que na área da saúde, está atrelado à Medicina, mas hoje o profissional da enfermagem, independente de ser homem ou mulher, já assume posições de liderança no contexto da enfermagem (KOBAYASHI, FRIAS, LEITE, 2001; FERREIRA JUNIOR, 2008).

As práticas profissionais e acadêmicas das diferentes profissões, de modo geral são atravessadas por saberes de gênero que desenham e redesenham papéis historicamente construídos entre homens e mulheres. Atualmente esse perfil tem mudado com a inserção de homens no campo da enfermagem.

No caso específico da turma do 4º ano do 2º semestre de 2009 de Licenciatura em Enfermagem pesquisada, de modo geral é a que mais têm estudantes homens, apesar deles não aparecerem como respondentes dessa pesquisa.

• **Dados qualitativos das respostas das questões sobre o tema central**

Quadro 2 - Distribuição qualitativa das falas dos participantes da pesquisa referente à questão norteadora de número **1**. Durante a sua graduação em Enfermagem, em algum momento o tema sexualidade humana foi abordado? Sim Não.

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 1 . Durante a sua graduação em Enfermagem, em algum momento o tema sexualidade humana foi abordado? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não.
1	Sim.
2	Sim.
3	Sim.
4	Sim.
5	Sim.
6	Sim.
7	Sim.
8	Sim.
9	Sim.
10	Sim.
11	Sim.
12	Sim.
13	Sim.
14	Sim.
15	Sim.
16	Não.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **1**. Durante a sua graduação em Enfermagem, em algum momento o tema sexualidade humana foi abordado? Sim Não.

[15] **SIM**

(S:1- S:2- S:3- S:4- S:5- S:6- S:7- S:8- S:9- S:10- S:11- S:12- S:13- S:14- S:15)

[01] **NÃO**

(S:16)

Comentário: Conforme foi possível observar, dos 16 estudantes pesquisados, 15 responderam que em algum momento, a temática da sexualidade humana foi abordada durante o curso de Licenciatura em Enfermagem, mas não havendo esse conteúdo / eixo temático registrado na grade curricular e apenas 1 estudante respondeu que não.

Horta (1979) conceitua a enfermagem como a arte de assistir o ser humano em suas necessidades básicas, podendo subsidiar a ele, através do ensino do autocuidado, o seu

autoconhecimento e o desenvolvimento de sua própria autonomia. Para assistir as pessoas, o estudante e o profissional de enfermagem precisam compreender que as necessidades básicas dos seres humanos vão além dos aspectos físicos (psicobiológicos), podendo englobar também os aspectos psicossociais e psicoespirituais. As necessidades humanas básicas são comuns a todos os seres humanos, variando apenas em suas manifestações e forma de satisfazê-las, sendo consideradas como “estados de tensões, conscientes ou inconscientes, resultantes dos desequilíbrios hemodinâmicos dos fenômenos vitais” (HORTA, 1979, p. 38).

A sexualidade humana faz parte das necessidades psicobiológicas e psicossociais do ser humano, englobando os componentes: biológicos (caracterizados pela diferenciação de sexo e caracteres sexuais), sociais (identificados pelos papéis sociais de gênero e papel afetivo-sexual) e psicológicos (representados pela identidade sexual: genital de gênero e orientação afetivo-sexual), sendo influenciada pela subjetividade, dependente da objetividade social e cultural, podendo refletir no bem-estar das pessoas e na saúde mental.

Na Enfermagem, a sexualidade humana é defendida como uma necessidade humana básica e, portanto, como parte integrante dos cuidados prestados pelo profissional de enfermagem, tanto na assistência e extensão, quanto no ensino e na pesquisa junto a indivíduos e grupos. Mas na prática, a atenção dispensada à sexualidade encontra-se em alguns momentos, ancorada na sua função reprodutiva e nos problemas de ordem clínica e patológica, portanto dentro de uma visão biologicista. Todavia, faz-se mister uma discussão crítica e contextualizada que contemple questões ligadas à esfera sócio-cultural da sexualidade humana. Infere-se que a existência total ou parcial dessa temática, seus desdobramentos e dimensões nos currículos escolares (educação básica e/ou superior), podem ser considerados reflexos de uma omissão histórica tradicional e moralista (HORTA, 1979; EGRY 1985; BRÊTAS, OHARA e QUERINO, 2008).

Segundo Egry (1985, p.133), “a sexualidade produz a socialização ou a alienação das pessoas; o recobrar o próprio corpo é diminuir as partes alienadas”, a partir do momento que tomamos maior consciência da nossa própria sexualidade nas suas múltiplas dimensões, habilitamo-nos à mudança de atitudes vista de forma aberta, dialógica, crítica e reflexiva perante a vida pessoal e profissional e constituinte como seres sexuados.

De modo geral, o curso de Licenciatura em Enfermagem da instituição pesquisada possui em sua grade curricular conteúdos/saberes sobre a sexualidade humana, mesmo que de forma não explícita, por ser um saber/tema transversal, pois, está presente no contexto da saúde, em ações educativas, preventivas e curativas, como também no contexto social.

Quadro 3 - Distribuição qualitativa das falas dos participantes da pesquisa referente à questão norteadora de número 2. Se você respondeu que SIM, em qual disciplina foi abordada essa temática? Comente.

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 2. Se você respondeu que SIM, em qual disciplina foi abordada essa temática? Comente.
1	Anatomia; Fisiologia; Educação Básica e Didática. <i>Comentário:</i> Nas duas primeiras disciplinas foi mais na área física e as outras duas abordaram várias áreas humanas.
2	Educação e Sociedade. <i>Comentário:</i> No momento em que tivemos contato com alunos da Educação Básica.
3	Promoção da Saúde na Escola. <i>Comentário:</i> Uma disciplina com proposta metodológica da Problematização.
4	Educação Profissional. <i>Comentário:</i> -
5	Saúde da Mulher. <i>Comentário:</i> -
6	Psicologia, Didática, Promoção à Saúde na Educação Básica, Estágio Supervisionado em Educação Básica. <i>Comentário:</i> Cada disciplina abordou conforme a realidade das escolas (aspecto positivo).
7	Didática e Seminário Integrado. <i>Comentário:</i> Através de discussões em grupos / debates, pouco aprofundados.
8	Disciplinas de educação; Educação em Saúde. <i>Comentário:</i> Somente nessas disciplinas o tema foi abordado e mesmo assim, em geral era para passarmos para alunos da educação básica.
9	Educação e Sociedade. <i>Comentário:</i> Contribuiu para articularmos com a prática educativa em Educação Básica.
10	Psicologia da Educação e Educação Básica. <i>Comentário:</i> Quando surgiu e por conta das atividades com os alunos.
11	Didática e as Disciplinas de Educação. <i>Comentário:</i> Nas disciplinas de educação, exceto Didática, foram abrangidos superficialmente temas de sexualidade.
12	Fisiologia, Psicologia, Didática e demais, porém não recordo os nomes. <i>Comentário:</i> Foram momentos muito pertinentes para minha formação.
13	Didática e Seminário Integrado. <i>Comentário:</i> -
14	Promoção da Saúde na Educação Básica, Didática e Psicologia da Educação III. <i>Comentário:</i> Foram abordagens muito válidas e contribuíram com a minha formação.
15	Fisiologia (bem superficial focando o aparelho reprodutor masculino e feminino) e Didática (formas de trabalhar a temática na educação em saúde). <i>Comentário:</i> Não há uma disciplina que aborde integralmente o tema e como enfermeiros licenciados foi mais bem aproveitado na Didática, do que nas disciplinas de desenvolvimento do corpo.
16	-

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **2.** Se você respondeu que SIM, em qual disciplina foi abordada essa temática? Comente.

1º	(S:1 - S:6 - S:7 - S:11 - S:12- S:13- S:14- S:15) <i>Didática</i> [08]
2º	(S:1 - S: 3 - S:6 - S:8 - S:10 - S:14) <i>Educação Básica</i> [06]
3º	(S:6- S:10 - S:14) <i>Psicologia da Educação</i> [03]
4º	(S:1 - S:12 - S:15) <i>Fisiologia</i> [03]
5º	(S:4 - S:1) <i>Educação Profissional</i> [02]
6º	(S:2 - S:9) <i>Educação e Sociedade</i> [02]
7º	(S:7 - S:13) <i>Seminário Integrado</i> [02]
8º	(S:1) <i>Anatomia</i> [01]
9º	(S:5) <i>Saúde da Mulher</i> [01]
10º	(S:6) <i>Estágio Supervisionado em Educação Básica</i> [01]

Comentário: Nessa questão, os estudantes destacaram as disciplinas que em algum momento abordaram a temática sexualidade humana. Foi possível perceber em linhas gerais, que a temática foi apresentada em diversas disciplinas de acordo com as respostas dos estudantes, como é demonstrado no quando abaixo:

A diversidade de disciplinas apontadas pelos participantes da pesquisa nos despertou a curiosidade em consultar a ementa de cada uma dessas disciplinas com o objetivo de verificar se explicitamente consta à inserção da temática sexualidade humana e assuntos correlatos.

Foi possível perceber a partir do exposto nas ementas das disciplinas, que foram trabalhados com os estudantes os saberes anatômicos do corpo masculino e feminino, sistema reprodutor masculino e feminino, os desafios da educação frente à sociedade contemporânea, políticas públicas de educação e sua relação com a área da saúde, compreensão numa perspectiva crítica da promoção da saúde no contexto da educação básica; os Parâmetros Curriculares Nacionais, as propostas de atuação no campo da saúde; reconhecer o projeto político-pedagógico da escola, no que se refere à articulação com a promoção em saúde; propor, planejar, executar e avaliar ações educativas voltadas à promoção da saúde na escola de educação básica; ciclo vital, etc. (Quadro 2).

Pode-se entender que outros assuntos correlatos à sexualidade foram trabalhados de forma assistemática, casual, de acordo com o interesse dos estudantes, muitas vezes advindos de suas vivências no cenário dos estágios.

Na estrutura curricular do curso de Licenciatura em Enfermagem pesquisada, coexistem disciplinas tradicionais e disciplinas organizadas na lógica do currículo integrado. Algumas das disciplinas destacadas pelos estudantes em suas respostas não são mais oferecidas; outras

tiveram suas ementas alteradas e atualizadas. Por isso, pode-se dizer que o currículo atual não retrata o currículo em que os estudantes ingressaram no curso de Licenciatura em Enfermagem em 2006.

Segundo Meira e Kurcgant (2009, p. 482) “o egresso em Enfermagem enfrenta no seu cotidiano de trabalho situações complexas, que o levam a confrontar as competências desenvolvidas durante o curso, com as requeridas no exercício profissional.”.

Deixar a temática sexualidade de forma ausente do currículo pode tornar-se complexo a atuação profissional do enfermeiro. Por isso, a universidade pública do interior paulista onde foi realizada a pesquisa, tem a preocupação com um currículo integrado, com uma proposta pedagógica fundamentada em uma concepção crítica e humanista, buscando reafirmar a sua posição de vanguarda no ensino da Enfermagem.

Assim, a visualização da Enfermagem como prática social, requer o posicionamento dos enfermeiros como agentes políticos e não apenas como agentes técnicos desprovidos de caráter questionador, de apreensão concreta da realidade e da compreensão própria de seu papel como transformador da sociedade e também de ser sexuado (SAMPAIO, KURCGANT, 2009; FERREIRA JUNIOR, 2008).

Refletir nesse sentido, sobre a temática sexualidade humana, contribui para o despertar sobre a prática e concepções da saúde e da educação, objetivando romper com as dificuldades e resistências individuais de docentes, alunos e profissionais de serviço (KOBAYASHI, FRIAS, LEITE, 2001; FERNANDES et al., 2005).

A inserção da temática sexualidade humana nos currículos, segundo Louro (1997; 2000), alcança a dimensão de uma identidade plural: a identidade dos sujeitos e a formação acadêmica pode favorecer essa construção (GONZALEZ, 2005).

Pensar o modelo de graduação que interaja com as demandas sociais vigentes e articuladas com a sexualidade humana, pressupõe discutir competências, sendo necessário termos o mundo do trabalho e o da formação como referência para criação e a inovação de possibilidades, de reconhecimento e de aproximação, visando mudança no cenário, que ainda que em alguns momentos se apresente estanque e conservador (DELL' ACQUA, MIYADAHIRA, IDE, 2009).

Quadro 4 - Distribuição qualitativa das falas dos participantes da pesquisa referente à questão norteadora de número **3**. Se a sua resposta anterior foi positiva, responda: como você classificaria o conteúdo apresentado? Ótimo Bom Regular Suficiente Insuficiente. Comente.

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 3 . Se a sua resposta anterior foi positiva, responda: como você classificaria o conteúdo apresentado? <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Suficiente <input type="checkbox"/> Insuficiente. Comente.
1	Regular. <i>Comentário:</i> Algumas vezes é cobrado muito mais do que nos foi oferecido.
2	Ótimo. <i>Comentário:</i> Conseguimos estudá-la bem, dentro do cronograma.
3	Bom. <i>Comentário:</i> Pois partiu de uma construção aluno-facilitador.
4	Regular. <i>Comentário:</i> Pois foi direcionado para a docência.
5	Bom. <i>Comentário:</i> –
6	Bom. <i>Comentário:</i> Poderia aprofundar um pouco mais, trabalhar estratégias mais aprofundadas.
7	Insuficiente. <i>Comentário:</i> Assuntos sobre a temática tratados de forma superficial.
8	Bom. <i>Comentário:</i> –
9	Regular. <i>Comentário:</i> Abordou a temática para a 6ª série, precisamos para as 7ª e 8ª séries.
10	Bom. <i>Comentário:</i> Nós que fomos atrás sempre.
11	Ótimo. <i>Comentário:</i> Na disciplina de Didática, nas outras foi insuficiente.
12	Regular. <i>Comentário:</i> O tema foi pertinente, porém não foi abordado como gostaria.
13	Regular. <i>Comentário:</i> –
14	Bom. <i>Comentário:</i> Para esse momento tem contribuído e a media que têm surgido dúvidas temos discutido com professores para melhorar.
15	Regular. <i>Comentário:</i> Considero o tema de grande importância para saúde sendo regular à abordagem na Fisiologia (disciplina que aborda desenvolvimento do corpo).
16	Insuficiente. <i>Comentário:</i> –

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **3**. Se a sua resposta anterior foi positiva, responda: como você classificaria o conteúdo apresentado? Ótimo Bom Regular Suficiente Insuficiente. Comente.

[02] **Ótimo** (S:2 - S:11)

S:2- “Conseguimos estudá-la bem, dentro do cronograma.”

S:11- “Na disciplina de Didática, nas outras foi insuficiente.”

[06] **Bom** (S:3 - S:5 - S:6 - S:8 - S:10 - S:14)

S:3- *“Pois partiu de uma construção aluno-facilitador.”*

S:5- –

S:6- *“Poderia aprofundar um pouco mais, trabalhar estratégias mais aprofundadas.”*

S:8- –

S:10- *“Nós que fomos atrás sempre.”*

S:14- *“Para esse momento tem contribuído e a medida que têm surgido dúvidas temos discutido com professores para melhorar.”*

[06] **Regular** (S:1 - S:4 - S:9 - S:12 - S:13 - S:15)

S:1- *“Algumas vezes é cobrado muito mais do que nos foi oferecido.”*

S:4- *“Pois foi direcionado para a docência.”*

S:9- *“Abordou a temática para a 6ª série, precisamos para as 7ª e 8ª séries.”*

S:12- *“O tema foi pertinente, porém não foi abordado como gostaria.”*

S:13- –

S:15- *“Considero o tema de grande importância para saúde sendo regular à abordagem na Fisiologia (disciplina que aborda desenvolvimento do corpo).”*

[00] **Suficiente**

[02] **Insuficiente** (S:7 - S:16)

S:7- *“Assuntos sobre a temática tratados de forma superficial.”*

S:16- –

Comentário: De acordo com as respostas obtidas no Quadro 4, 02 estudantes classificaram como ótimo, 06 como bom, 06 como regular e 02 como insuficiente, os conteúdos apresentados no decorrer da graduação referente à sexualidade humana.

Segundo os comentários dos estudantes de modo geral, o estudo da temática sexualidade humana não foi ofertado como muitos esperavam. Alguns colocaram que poderia ter sido mais aprofundado e não tratado de forma superficial, de acordo com o interesse dos alunos e direcionado não somente para docência e ou privilegiando algumas séries da educação básica.

Na categoria “bom”, o (S:3) conseguiu perceber no seu processo de aprendizagem o professor como um facilitador e o aluno como um construtor de seu próprio conhecimento a partir de sua própria vontade (curiosidade, vontade de saber), tendo como base o aprender a aprender através sua autonomia e de construir conhecimento e novos processos de aprendizagem.

A partir de nossa análise sentimos que é importante esclarecer alguns pontos, relacionando com as respostas da questão anterior (nº. 2) em que 08 estudantes responderam que a temática sexualidade foi abordada na disciplina de Didática. O (S:11) da pergunta nº. 3

coloca que na disciplina de Didática foi apresentada a temática sexualidade, sendo classificada por ele como ótima e nas outras disciplinas de forma insuficiente.

A convergência e esclarecimentos que fazemos entre as respostas das perguntas nº. 2 e nº. 3 é que a disciplina de Didática é oferecida por uma professora que desenvolve um trabalho de estudo e grupo de pesquisa cadastrado diretório do CNPq sobre Educação para a Saúde, Educação Sexual, Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência. Por isso, acredita-se que a temática sexualidade humana tenha sido abordada e articulada de forma aberta, dialógica, conscientizadora e contextualizada, vislumbrando o ser humano em sua totalidade como, agente de transformação, de inacabamento e solidariedade cidadã.

Em algumas disciplinas, por mais transversal que a sexualidade seja trabalhada, pode-se observar o foco na linha da medicina preventiva, de caráter higienista e epidemiológico. Esses estudos focalizam o comportamento sexual e as práticas sexuais, baseando-se na noção de risco, típica da epidemiologia. Esses estudos adquirem um caráter normativo e de controle do comportamento sexual, tomado como um conjunto de atos e práticas isoladas de seu contexto cultural e atualmente, a sociedade não percebe mais a sexualidade assim, apesar dos preconceitos arraigados (FIGUEIRÓ, 2006).

As dificuldades encontradas pelos estudantes de Enfermagem relativa à sexualidade e a sua classificação de modo geral como mediana, pode ser entendido pelo fato de que durante a sua graduação pouca ou nenhuma formação foi oferecida a ele, mas nos últimos anos isso tem mudado devido à transição de currículo e a preocupação da instituição pesquisada em pensar a prática e o ensino, à luz de uma perspectiva histórico-social e da humanização. Podemos entender que o dito (no campo biomédico ou biologicista) e o não dito (no campo sócio-cultural) traduzem o (inter)dito a respeito da sexualidade.

A capacitação e formação dos licenciados em Enfermagem para essa temática, contribuirá na criação de um ambiente propício para a educação sexual emancipatória, para o diálogo aberto e horizontalizado, livre de preconceitos e discriminação e o repúdio a qualquer tipo de violência. Assim, educação para a saúde e a sexualidade, ou seja, esse binômio tornou-se pauta importante no interior de uma nova forma de concepção de trabalho docente e de atuação do espaço escolar (BUENO, 2009; BATISTA, 2008; FIGUEIRÓ, 2006; NUNES, 2005; SANTOS & BRUNS, 2000).

A sexualidade é entendida como a forma do indivíduo se comportar e interagir com o mundo, é pulsão de vida e inerente a todo indivíduo em qualquer momento de sua vida, seja pessoal ou profissional, seja pública ou privada, seja sadia ou doente, por isso o profissional

da Enfermagem não pode ter mais um olhar focado apenas na questão reprodutiva ou na tríade saúde - doença - prevenção, e sim, ter mais articulado os saberes relativos à sexualidade humana aos outros saberes já consolidados no seu currículo acadêmico.

Quadro 5 - Distribuição qualitativa das falas dos participantes da pesquisa referente à questão norteadora de número 4. Você se sente apto para lidar com a temática sexualidade humana na sua prática profissional como educador? Sim Não. Comente.

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 4. Você se sente apto para lidar com a temática sexualidade humana na sua prática profissional como educador? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Comente.
1	Sim. <i>Comentário:</i> Contudo, superficialmente.
2	Sim. <i>Comentário:</i> Fizemos atividades com o tema no colegial, que foi muito boa e teve resultados satisfatórios.
3	Sim. <i>Comentário:</i> –
4	Sim. <i>Comentário:</i> –
5	Sim. <i>Comentário:</i> –
6	Sim. <i>Comentário:</i> Sim, mas ainda preciso aprofundar na temática, aprimorar conhecimentos, desenvolver melhor habilidade.
7	Não. <i>Comentário:</i> Não, totalmente. Algumas coisas consigo colocar na prática, outras não.
8	Sim. <i>Comentário:</i> Desde o primeiro ano trabalhamos com este tema e sempre passando para os alunos.
9	Não. <i>Comentário:</i> Existem algumas questões morais que não sei como trabalhar.
10	Sim. <i>Comentário:</i> –
11	Sim. <i>Comentário:</i> Sinto-me à vontade e com embasamento para abordar essa temática.
12	Não. <i>Comentário:</i> –
13	Sim. <i>Comentário:</i> Porém, a maior parte do conteúdo que sei, busquei estudar sozinha.
14	Não. <i>Comentário:</i> Por existir alguns temas mais complexos.
15	Não. <i>Comentário:</i> –
16	Sim. <i>Comentário:</i> –

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: 4. Você se sente apto para lidar com a temática sexualidade humana na sua prática profissional como educador? Sim Não. Comente.

[11] **SIM** (S:1 - S:2 - S:3 - S:4 - S:5 - S:6 - S:8 - S:10 - S:11 - S:13 - S:16)

S:1- “*Contudo, superficialmente.*”

S:2- “*Fizemos atividades com o tema no colegial, que foi muito boa e teve resultados satisfatórios.*”

S:3- –

S:4- –

S:5- –

S:6- *“Sim, mas ainda preciso aprofundar na temática, aprimorar conhecimentos, desenvolver melhor habilidade.”*

S:8- *“Desde o primeiro ano trabalhamos com este tema e sempre passando para os alunos.”*

S:10- –

S:11- *“Sinto-me à vontade e com embasamento para abordar essa temática.”*

S:13- *“Porém, a maior parte do conteúdo que sei, busquei estudar sozinha.”*

S:16- –

[05] **NÃO** (S:7 - S:9 - S:12 - S:14 - S:15)

S:7- *“Não, totalmente. Algumas coisas consigo colocar na prática, outras não.”*

S:9- *“Existem algumas questões morais que não sei como trabalhar.”*

S:12- –

S:14- *“Por existir alguns temas mais complexos.”*

S:15- –

Comentário: De acordo com as respostas obtidas e as categoria apresentadas, 11 estudantes colocaram que se sentem aptos para trabalhar com a temática sexualidade humana na sua prática profissional como educador e 05 responderam que não estão preparados (Quadro 5).

Apesar dos 11 estudantes responderem que se sentem aptos, alguns deles em seus comentários demonstraram desconhecimento e/ou conhecimento superficial (S:1), necessidade se aprofundar e aprimorar os conhecimentos e desenvolver melhor sua habilidade (S:6) e outro colocou, que o que sabe buscou por conta própria esses conteúdos para lidar com alguns assuntos integrantes à sexualidade humana.

De modo geral, foi possível observar através das respostas que os estudantes têm conhecimentos sobre a sexualidade, associados as suas próprias buscas pessoais e saberes próprios de sua história de vida pessoal, social e escolar, mas que ainda possuem lacunas e interesse de aprofundamento em relação à sexualidade humana, por existir alguns temas complexos (S:14), questões morais envolvidas (S:9) e alguns conteúdos não conseguem colocar em prática (S:7). Cinco estudantes responderam que se sentem aptos para trabalhar temática sexualidade humana, não fizeram nenhum comentário (S:3, S:4, S:5, S:10, S:16).

A sexualidade não pode ser abordada somente nos seus aspectos erotizantes, anatômicos e fisiológicos, desconsiderando a sua dimensão histórico-cultural, pois envolve o ser humano na sua globalidade e é construída ao longo das diversas fases da vida e de suas vivências. Podemos então inferir, que existe a necessidade de alguns aprofundamentos teóricos e de estratégias de ensino comprometidos com as questões de sua futura profissão e da própria

sociedade, em relação à temática em foco. (NUNES, 2005; FIGUEIRÓ, 2006; SAMPAIO & KURCGANT, 2009).

Quadro 6 - Distribuição qualitativa das falas dos participantes da pesquisa referente à questão norteadora de número 5. Você já teve contato na sua graduação com o tema Transversal Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)? Sim Não. Comente.

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 5. Você já teve contato na sua graduação com o tema Transversal Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Comente.
1	Não. <i>Comentário:</i> –
2	Sim. <i>Comentário:</i> No 4º ano.
3	Sim. <i>Comentário:</i> –
4	Sim. <i>Comentário:</i> –
5	Sim. <i>Comentário:</i> –
6	Sim. <i>Comentário:</i> Tivemos conhecimento ao iniciar a disciplina de educação básica.
7	Não. <i>Comentário:</i> -
8	Sim. <i>Comentário:</i> Superficialmente no 2º ano.
9	Não. <i>Comentário:</i> –
10	Sim. <i>Comentário:</i> –
11	Sim. <i>Comentário:</i> De forma muito superficial na Disciplina de Educação Básica no 2º Ano.
12	Não. <i>Comentário:</i> Já ouvi falar, porém nunca foi abordado conosco.
13	Sim. <i>Comentário:</i> Desenvolvi um trabalho em Didática.
14	Sim. <i>Comentário:</i> –
15	Sim. <i>Comentário:</i> Foi falado na disciplina Educação e Sociedade que por sinal nesta disciplina foi trabalhada algumas técnicas envolvendo o tema podendo-se encaixar na questão 2.
16	Sim. <i>Comentário:</i> Nas disciplinas de Educação.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: 5. Você já teve contato na sua graduação com o tema Transversal Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)?

Sim Não. Comente.

[12] **SIM** (S:2 - S:3 - S:4 - S:5 - S:6 - S:8 - S:10 - S:11 - S:13 - S:14 - S:15 - S:16)

S:2- “No 4º ano.”

S:3- –

S:4- –

S:5- –

S:6- “Tivemos conhecimento ao iniciar a disciplina de educação básica.”

S:8- *“Superficialmente no 2º ano.”*

S:10- –

S:11- *“De forma muito superficial na Disciplina de Educação Básica no 2º Ano.”*

S:13- *“Desenvolvi um trabalho em Didática.”*

S:14- –

S:15- *“Foi falado na disciplina Educação e Sociedade que por sinal nesta disciplina foi trabalhada algumas técnicas envolvendo o tema podendo-se encaixar na questão 2.”*

S:16- *“Nas disciplinas de Educação.”*

[04] **NÃO** (S:1 - S:7 - S:9 - S:12)

S:1- –

S:7- –

S:9- –

S:12- *“Já ouvi falar, porém nunca foi abordado conosco.”*

Comentário: De acordo com as respostas obtidas e das respectivas categorias, 12 estudantes colocaram que já ter tido contato durante sua graduação com o tema Transversal Orientação Sexual, dos Parâmetros Curriculares Nacionais e 04 responderam que não (Quadro 6).

Segundo o currículo do curso de Licenciatura em Enfermagem com base no ano de 2009, uma disciplina contempla em sua ementa, conhecer e analisar, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais e as propostas de atuação da saúde no contexto da Educação Básica, mas em nenhum momento está explícito o tema Transversal Orientação Sexual. Isso pode retratar que não compreenderam a pergunta que enfoca o tema Transversal e sim somente pela ótica do Parâmetro Curricular Nacional.

Dos 12 estudantes que responderam que já tiveram contato com o tema Transversal Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais, um colocou que foi de forma superficial no 2º ano, através da disciplina Educação Básica (S:8, S:6, S:11). Dos 04 estudantes que responderam não, somente um comentou que nunca foi abordado o tema Transversal Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais na graduação em Enfermagem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são referências consideradas pelo Governo Federal um material de qualidade para o ensino, com objetivo de propiciar subsídios à elaboração e reelaboração do currículo, tendo em vista um projeto pedagógico em função da cidadania do aluno e uma escola em que se aprende mais e melhor. Os PCNs não são uma coleção de regras e sim, um pilar para a transformação de objetivos, conteúdo e didática do ensino que podem auxiliar a prática docente (ALTMANN, 2001).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais com a abordagem do tema Transversal Orientação Sexual, que tem como objetivo: promover reflexões, discussões e sistematização das ações educativas sobre o tema, já que considera “a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e da gravidez não planejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro” (BRASIL, 1997).

No entanto, apesar desses avanços na elaboração dos PCNs, algumas críticas recaem sobre eles em relação a orientação sexual, que é entendida e trabalhada como sendo de caráter informativo, e a sexualidade é entendida como um dado da natureza, algo inerente e necessário, falando-se às vezes, em necessidade básica, contrastando ou até mesmo sendo esquecida a perspectiva histórico-cultural sobre esse assunto. As minorias sexuais e de gênero estão ausentes nos PCNs, como também um trabalho direcionado às crianças com necessidades educativas especiais (ALTMANN 2001; DINIS & ASINELLI-LUZ 2007).

Entender a sexualidade sob uma perspectiva histórico-cultural, como fator de aprendizagem e interação social, significa superar os limites impostos pela sociedade e pela educação escolar. A possibilidade de vivenciar a diversidade das relações afetivas e sociais provocada pela educação sexual, contribui para a compreensão e uma experimentação de novas possibilidades do exercício de sua própria sexualidade em contextos mais amplos. [...] “E essa deve ser, por fim, a principal justificativa para que o tema seja discutido e trabalhado nas escolas e nos cursos de formação docente” (DINIS & ASINELLI-LUZ 2007, p. 9).

Quadro 7 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número 6. Você teria alguma dificuldade para lidar com a temática sexualidade na sua prática profissional? Sim Não. Comente.

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 6. Você teria alguma dificuldade para lidar com a temática sexualidade na sua prática profissional? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Comente.
1	Sim. <i>Comentário:</i> Dependendo do público.
2	Não. <i>Comentário:</i> Acredito que não.
3	Não. <i>Comentário:</i> –
4	Não. <i>Comentário:</i> –
5	Sim. <i>Comentário:</i> –
6	Não. <i>Comentário:</i> Dificuldade não, mas como disse anteriormente é preciso aprimorar e adquirir experiência.
7	Sim. <i>Comentário:</i> Depende do público-alvo. Com adolescentes já trabalhei, com adultos não.
8	Não. <i>Comentário:</i> Acredito que não, pois, tivemos bastante experiência em passar esse tema para adolescentes e adultos e também aprendemos a lidar com situações diversas e a trabalhar com a comunidade mais carente.
9	Sim. <i>Comentário:</i> Quanto às questões religiosas, quanto a educação moral orientada pelos pais.
10	Não. <i>Comentário:</i> –
11	Sim. <i>Comentário:</i> A minha dificuldade seria em trabalhar com a opção sexual.
12	Sim. <i>Comentário:</i> Como já disse o tema não foi abordado como deveria.
13	Não. <i>Comentário:</i> Penso que não, pois é um tema que gosto de trabalhar e sempre busco atualização.
14	Sim. <i>Comentário:</i> Pela diversidade do conteúdo.
15	Sim. <i>Comentário:</i> Considero difícil abordagem desse tema, acredito que tenho que ser bem mais preparada para tal, pois enquanto profissionais não devemos emitir juízos, nem opiniões próprias mediante situações dilema. Para mim, é complicado, há situações que não vão ao encontro do que penso...
16	Não. <i>Comentário:</i> Tive que estudar bastante para estar apta a lidar com essa temática.

Categorização das respostas dos participantes da pesquisa do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: 6. Você teria alguma dificuldade para lidar com a temática sexualidade na sua prática profissional? Sim Não. Comente.

[08] **SIM** (S:1 - S:5 - S:7 - S:9 - S:11 - S:12 - S:14 - S:15)

S:1- “*Dependendo do público.*”

S:5- –

S:7- “*Depende do público-alvo. Com adolescentes já trabalhei, com adultos não.*”

S:9- “*Quanto às questões religiosas, quanto a educação moral orientada pelos pais.*”

S:11- *“A minha dificuldade seria em trabalhar com a opção sexual.”*

S:12- *“Como já disse o tema não foi abordado como deveria.”*

S:14- *“Pela diversidade do conteúdo.”*

S:15- *“Considero difícil abordagem desse tema, acredito que tenho que ser bem mais preparada para tal, pois enquanto profissionais não devemos emitir juízos, nem opiniões próprias mediante situações dilema. Para mim, é complicado, há situações que não vão ao encontro do que penso...”*

[08] **NÃO** (S:2 - S:3 - S:4 - S:6 - S:8 - S:10 - S:13 - S:16)

S:2- *“Acredito que não.”*

S:3- –

S:4- –

S:6- *“Dificuldade não, mas como disse anteriormente é preciso aprimorar e adquirir experiência.”*

S:8- *“Acredito que não, pois, tivemos bastante experiência em passar esse tema para adolescentes e adultos e também aprendemos a lidar com situações diversas e a trabalhar com a comunidade mais carente.”*

S:10- –

S:13- *“Penso que não, pois é um tema que gosto de trabalhar e sempre busco atualização.”*

S:16- *“Tive que estudar bastante para estar apta a lidar com essa temática.”*

Comentário: De acordo com as respostas obtidas no Quadro 7, 08 estudantes teriam alguma dificuldade para lidar com a temática sexualidade na sua prática profissional, dependendo do público-alvo (S:1, S:7), das questões religiosas (S:9), educação familiar (S:9), valores morais (S:9), opção sexual (S:11), pela diversidade da temática (S:14), pelo o tema ser de difícil abordagem (S:15) e 08 responderam que não tem dificuldade de lidar com essa temática, mas relataram que precisariam de aprimoramento (S:6), e que de modo geral, seria interessante algum tipo de aperfeiçoamento sobre o assunto.

A educação no campo da sexualidade inclui a difusão dos direitos sexuais e reprodutivos, da informação científica e do respeito à diversidade de comportamentos e desejos próprios de uma cultura. Além disso, as vivências associadas aos costumes e valores predominantes em cada época e lugar precisam ser consideradas para que seja possível realizar uma reflexão crítica a respeito dos objetivos que se pretende alcançar (BUENO, 2009).

Nessa perspectiva, a abordagem da sexualidade não diz respeito exclusivamente aos conhecimentos de anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais e dos aparelhos reprodutores feminino e masculino, nem envolve receitas prontas ou modelos de comportamento. Requer a convicção de que as pessoas a serem educadas têm ideias, saberes, desejos e competências, portanto, portanto nesses casos, a educação não pode ser compreendida como um espaço punitivo ou mesmo neutro. Precisa ser uma oportunidade para a construção de um novo

conhecimento, integrado às experiências que as pessoas trazem de sua vida, pois a sexualidade se expressa em vivências individuais e únicas, e é impossível reduzir estas vivências a manifestações dos instintos ou a padrões de comportamento socialmente instituídos (BUENO 2009; BATISTA 2008; FIGUEIRÓ, 2006; NUNES, 2005; SANTOS & BRUNS, 2000).

Por isso, para realizar um trabalho educativo no campo da sexualidade, é importante delinear claramente suas intenções, refletindo se superam a pretensão de subordinar os desejos e ordenar a vida sexual segundo modelos pré-estabelecidos de comportamento, geralmente idealizados e pouco realistas. É bom manter em mente que o debate em torno da sexualidade suscita polêmicas morais do passado e do presente e envolve questionamentos que apenas começamos a construir em nossa experiência com o trabalho educativo nesse tema (BUENO, 2001).

A educação sexual nas escolas e nos serviços de saúde distingue-se de outras experiências educativas, como as que acontecem na família, no trabalho, na mídia, nos momentos de lazer e nas demais formas de convívio social. Por um lado, é diferente porque constitui uma ação intencional, contínua e planejada. Essas instituições têm a responsabilidade social de oferecer informações atualizadas e propor questões que possam ser abordadas de diversos pontos de vista, permitindo o exame das crenças, atitudes e comportamentos expressos pela sociedade para auxiliar as pessoas a encontrarem pontos de referência significativos para suas vidas (NUNES, 2005; BUENO, 2009).

Quadro 8 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número 7. O que você entende sobre sexualidade?

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 7. O que você entende sobre sexualidade?
1	É uma atitude, vivência.
2	Sistema reprodutor, DST, métodos contraceptivos.
3	Mais do que sexo, abrange aspectos maiores e mais complexos.
4	É uma necessidade humana também.
5	Sexualidade envolve a fisiologia / anatomia do aparelho reprodutivo masculino e feminino, DST, AIDS, métodos contraceptivos.
6	É a maneira de se relacionar com as pessoas, fazer o que gosta respeitar e ser respeitado.
7	Abordagem muito ampla sobre o ser humano como um todo. Abrange crenças, cultura, religião, sociedade, educação, saúde, etc.
8	Sexualidade é um tema que abrange desde conhecimento do corpo humano, passando por fecundidade, DST, prazer e todas suas vertentes.
9	Em contextos significativos: puberdade (menarca, ejaculação), desenvolvimento do corpo (menino e meninas), DST/AIDS, gravidez.
10	Entendo que o tema aborda sentimentos, relações descobertas, questões de gênero voltado para a parte sexual, assim como descobrimento do próprio corpo entre outros (DST / gravidez), além dos valores / moral.
11	Sexualidade engloba não apenas o ato sexual, mas comportamentos, atitudes conhecimentos do corpo.
12	-
13	São rodas as questões relacionadas à afetividade, relacionamento e questões sexuais.
14	Envolve aspectos desde o desenvolvimento corporal, opção sexual, práticas.
15	Algo que faz parte do ser humano, uma necessidade humana, fonte de prazer, que não envolve só o biológico, mas sim aspectos psíquicos, sociais, econômicos.
16	Algo super natural, inerente ao ser humano, mas que ainda é vista com preconceitos e muito pudor.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: 7. O que você entende sobre sexualidade?

Relacionaram a:

- [05] **DST/AIDS** (S:2 - S:5 - S:8 - S:9 - S:10)
- [03] **Autoconhecimento** (S:8 - S:10 - S:11)
- [03] **Social** (S:7 - S:10 - S:15)
- [02] **Comportamento** (S:1 - S:11)
- [02] **Afetividade e Sentimentos** (S:10 - S:13)
- [02] **Relacionamentos** (S:6 - S:10)
- [02] **Natural** (S:7 - S:16)
- [02] **Métodos contraceptivos** (S:2 - S:5)

- [02] **Fisiologia e Anatomia** (S:2 - S:5)
- [02] **Prazer** (S:8 - S:15)
- [02] **Gravidez** (S:9 - S:10)
- [02] **Mais do que sexo** (S:2 - S:11)
- [02] **Necessidade** (S:4 - S:15)
- [01] **Desenvolvimento do corpo** (S:9)
- [01] **Questões de gênero** (S:10)

Comentário: De acordo com as respostas obtidas no Quadro 8, 05 estudantes entendem a sexualidade relacionando-a as DST/AIDS (S:2 - S:5 - S:8 - S:9 - S:10), 03 aos aspectos Autoconhecimento (S:8 - S:10 - S:11), 03 Social (S:7 - S:10 - S:15), 02 ao Comportamento (S:1 - S:11), 02 a Afetividade e Sentimentos (S:10 - S:13), 02 aos Relacionamentos (S:6 - S:10), 02 ao Natural (S:7 - S:16), 02 aos Métodos contraceptivos (S:2 - S:5), 02 a Fisiologia e Anatomia (S:2 - S:5), 02 ao Prazer (S:8 - S:15), 02 a Gravidez (S:9 - S:10), 02 a Mais do que sexo (S:2 - S:11), 02 as Necessidade (S:4 - S:15), 01 ao Desenvolvimento do corpo (S:9), 01 as Questões de gênero (S:10).

Para a maioria das pessoas, falar de sexualidade remete imediatamente ao ato sexual e à reprodução e no caso das respostas obtidas a maioria dos estudantes a relacionou com DST/AIDS (S:2 - S:5 - S:8 - S:9 - S:10). Mas a sexualidade é muito mais abrangente. Pode ser definida como uma forma de expressão dos afetos (S:10 - S:13), uma maneira de cada indivíduo se descobrir (S:8 - S:10 - S:11) e descobrir os outros através dos relacionamentos (S:6 - S:10) e do social (S:7 - S:10 - S:15).

A sexualidade engloba a identidade sexual de gênero (S:10); os afetos (S:10 - S:13) e a auto-estima; as alterações físicas e psicológicas ao longo da vida (S:9); o conhecimento anatômico e fisiológico do homem e da mulher (S:2 - S:5); a higiene sexual; a gravidez (S:9 - S:10), a maternidade e a paternidade; métodos anticoncepcionais (S:2 - S:5); doenças sexualmente transmissíveis; os transtornos sexuais (S:2 - S:5 - S:8 - S:9 - S:10), as violências sexuais, a pedofilia entre outros (ABDO, 2000; 2004; 2006).

No caso dos estudantes pesquisados nenhum deles contemplou a questão da violência, abuso, agressão, exploração sexual e a pedofilia como assuntos quem englobam a sexualidade humana. De modo geral, a violência sexual pela sua natureza complexa, envolve as pessoas em sua totalidade biopsíquica e social – de modo dinâmico, por isso essas questões podem causar impactos avassaladores nos indivíduos vitimizados, na família e na sociedade, fato que exige um número maior de unidades de saúde, conselhos tutelares entre outras instituições e profissionais preparados para atuarem nos casos de emergência, intervenções profiláticas e

educativas, de modo a oferecer uma adequada assistência e de avaliar os riscos envolvidos em cada caso (DESLANDES, 1994).

Em relação à diversidade de categorias existentes sobre a temática sexualidade humana, pode-se dizer que é pertinente abordar o tema nos cursos de licenciatura, principalmente por serem futuros profissionais da saúde, é que esses estudantes deveriam buscar informações corretas e confiáveis para orientar o outro. E também aprender, que o assunto sexualidade, por mais reservado que seja, necessita ser discutido para se tornar mais natural e compreendido no amplo sentido que possui (biológico, psicológico, social, cultural e espiritual). De forma geral, a sexualidade é um tema ainda muito reprimido pela nossa sociedade e a repressão na educação sexual desde a infância, acarreta sucessivos “nós” que vão se emaranhando e provocando esmagamento do nosso desenvolvimento e comportamento sexual (GIR, NOGUEIRA, PELÁ 2000; BRÊTAS, OHARA, QUERINO, 2008).

Segundo Abdo (2000, 2004, 2006), o conceito contemporâneo referente à sexualidade, é que esta é uma experiência individual regida por diferentes desejos e condutas que a tornam um processo absolutamente pessoal e natural. A forma como cada indivíduo se percebe como um ser sexual de modo particular, na forma de manifestar, de comunicar, de sentir, de expressar e de viver o amor é intrínseco à sua natureza, podendo ou não ser modificada por fatores externos como a moral, a religião e a imposição de papéis sexuais, sem que isto resulte em grande sofrimento e angústia, já que é sabido que a sociedade e suas instituições exercem grande influência no ser humano Abdo (2000, 2004, 2006).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, “a sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um, inclui a atenção, a dois aspectos fundamentais: as condições biológicas que determinam à atividade sexual e reprodutiva livre de distúrbios ou doenças e a segunda condição diz respeito à possibilidade que cada pessoa tem para desfrutar sua vida sexual e reprodutiva regulando-a, de acordo com a ética pessoal e moralidade. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada como direito humano básico. A saúde sexual é a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais e emocionais de maneira tal que influenciem positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor” (ABDO, 2000).

Segundo Caridade (1999, p. 22 apud RIBEIRO, 1999), a sexualidade também envolve a capacidade de acolhimento afetuoso e tolerância, ou melhor, um sentimento de “amor tolerância, ou seja, um exercício de suportar a diferença e de até amá-la e reconhecer-lhe o valor”.

Berge (1968) reforça a ideia de que sempre que se falar em sexualidade, que a questão da afetividade não seja esquecida, porque é a partir dela que se proporciona um desenvolvimento feliz e integral, levando em conta a realização pessoal do indivíduo quanto a sua integração social. Em relação à moral, coloca que para ela ter verdadeiro valor, precisa ajudar o homem e a mulher enfim o cidadão, a viver e a progredir, em vez de sufocá-los ou pervertê-los, mesmo que seja com as intenções mais edificantes. Nada mais pode provocar entrave ou retardamento de uma evolução do que o excesso de rigor, de impaciência, intolerância ou falta de compreensão.

A sexualidade não está desassociada da unidade corpo e mente, como as sensações, as emoções, a expressão corporal, energética e verbal constitui uma única e mesma realidade do ser. A tomada de consciência do funcionamento psicorporal, favorece o encontro de uma relação mais justa consigo mesmo, com os outros e com seu ambiente. Assim, a pessoa se reconecta com sua espontaneidade, sua capacidade criativa e o prazer de viver num corpo mais livre e mais consciente (PEYROT, s/d).

Portanto, a questão da sexualidade humana e seus desdobramentos refletem incisivamente na sociedade e na vida de uma população e de certo modo nas questões históricas, sociais, econômicas, política, culturais, educacionais e de saúde pública, sempre aberta a novas significações.

Apesar de ser um aspecto natural que envolve o indivíduo em toda sua integralidade, a sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana, tem se caracterizado historicamente na maioria das culturas, pela negatividade resultante da repressão. Mesmo assim, não podemos deixar de percebê-la como aspecto que transcende ao biológico, vendo-a como parte integral da vida, que está estreitamente, relacionada com o desenvolvimento da personalidade, com as relações interpessoais e com a estrutura social (RIBEIRO, 1999).

Em cada época, a sociedade produz novos mecanismos de controle da sexualidade, embora pareçam se suavizar com a modernidade dos tempos, ela não deixa de estabelecer normas, regras, valores, decretando continuamente, permissão ou proibição nas práticas sexuais e nas relações afetivas, seja através da Educação Sexual, do surto de doenças, aspecto heteronormativos ou outros problemas. Quando se traz à tona a questão da educação sexual,

geralmente, não se trata de uma preocupação com o prazer e o bem-estar dos indivíduos e sim, pretexto para contornar alguns fatos considerados prejudiciais à ordem estabelecida. Nesse sentido, ao dirigirmos o olhar nessa direção, percebemos que somos “lançados” ao mundo sob o prisma moralístico e repressão (GOLDBERG, 1988; FOUCAULT, 2009).

Para Foucault (2009) a educação sexual pode também ser entendida como um mecanismo voltado ao agenciamento da vida humana. Evidentemente, a verdadeira educação deve ter um aspecto socializador, na medida em que prepara o ser humano para viver em uma determinada sociedade. Entretanto, ao mesmo tempo, deve dotar o indivíduo de instrumentos necessário que permitam as mudanças culturais, aumentando sua capacidade crítica, bem como, abandonar padrões e recriar a sociedade em moldes mais adequados. Isso só será possível, através da educação, que se reconheça inserida num determinado contexto cultural, social, econômico e político, e também, responsável pela construção da subjetividade dos indivíduos (SHÖN, 1997; NÓVOA, 1997).

Embora sejam sinalizadas inúmeras mudanças nas últimas décadas, a sexualidade humana continua sendo velada. Não obstante, sempre esteve presente nas relações entre os seres humanos, mesmo que de um modo não consciente. Através do conhecimento do próprio corpo temos a oportunidade de nos re-conhecer, expressar e comunicar, como também, estar em contato com a vida que circula nele: o prazer, a dor, a alegria, a transformação e a energia sexual fazem parte do ser integralmente.

A aquisição de conhecimentos sobre a sexualidade humana principalmente nos cursos de Licenciatura, contribuirá para a minimização de posturas indevidas e/ou inadequadas quando se depara com tal assunto, em sua prática profissional. Para que isso tenha um efeito positivo, faz-se mister que esse assunto seja privilegiado como um saber importante, que diz respeito à integralidade e dimensão do ser humano.

Assim, o futuro profissional de Enfermagem pode reunir conhecimentos específicos e competências para o processo educativo frente à questão da sexualidade humana, articulado aos demais profissionais da educação que por lacunas na sua formação é inexistente a construção desse saber.

Quadro 9 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número **8**. Como você vê a temática sexualidade humana nos dias atuais?

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 8 . Como você vê a temática sexualidade humana nos dias atuais?
1	Não é muito abordada de maneira a conscientizar a população em relação à moral, etc.
2	Extremamente importante.
3	Uma temática muito importante, pois vemos manifestações de sexualidade exacerbada.
4	Muito banalizada.
5	Com o avanço da tecnologia hoje é mais fácil entender e explicar a sua resposta.
6	Pouco discutida, ainda há tabus, preconceitos.
7	Insatisfatórias. Ainda um assunto pouco discutido de forma séria.
8	Como um tema que vem sendo abordado cada vez mais de forma mais ampla, não mais focado no ato sexual.
9	Muito pouco trabalhada no Ensino Fundamental e Médio.
10	Pouco trabalhado nas escolas e nas famílias.
11	Penso que é pouco trabalhada.
12	Ela está muito sucateada e desvalorizada atualmente.
13	É abordada de forma biologicista.
14	Penso que cada ano que passa esse tema se torna mais complexo. Não é tratado como algo sério é bastante banalizado pela mídia.
15	Negligenciado, banalizado, tratado com brincadeiras e não como algo sério.
16	Uma realidade, mas que ainda é de tabus e preconceitos que impede de ser abordada como é necessária.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **8**. Como você vê a temática sexualidade humana nos dias atuais?

Relacionaram a:

[06] **Pouco discutida** (S:1 - S:6 - S:7 - S:9 - S:10 - S:11)

[03] **Banalizada / desvalorizada** (S:12 - S:14 - S:15)

[03] **Importante** (S:2 - S:3 - S:8)

[02] **Preconceitos / tabus** (S:6 - S:16)

[02] **Exacerbada** (S:3)

[01] **Biologicista** (S:13)

Comentário: De acordo com as respostas obtidas no Quadro 9 e as categorizações apresentadas, 06 estudantes veem a temática sexualidade humana nos dias de hoje, pouco discutida (S:1 - S:6 - S:7 - S:9 - S:10 - S:11), 03 banalizada / desvalorizada (S:12 - S:14 - S:15), 03 importante (S:2 - S:3 - S:8), 02 preconceitos / tabus (S:6 - S:16), 02 exacerbada (S:3) e 01 de forma biologicista (S:13).

De modo geral, os estudantes veem a sexualidade como um assunto importante e complexo, sendo exacerbada, banalizada pela mídia, desvalorizada e pouco discutida / trabalhada nas escolas e nas famílias, sendo abordada, todavia, sob a ótica biologicista, perpetuando assim, alguns preconceitos e tabus.

Somente 01 estudante (S:8) colocou que a sexualidade vem sendo abordada de forma cada vez mais ampla e não mais focada no ato sexual. Outro estudante (S:5) coloca que com o avanço das tecnologias é mais fácil de entender e explicar a sexualidade. De forma geral, as tecnologias da informação e da comunicação têm uma responsabilidade ética com aquilo que exhibe, e não pode ignorar a sua participação na construção social, na formação de mentalidades e no desenvolvimento, construção e reconstrução da sexualidade e seus comportamentos.

De acordo com Ribeiro (1999) tem se dado ênfase à sexualidade em nossa sociedade atual, no sentido de alavanca do erotismo, que valoriza o corpo e o consumismo em detrimento as emoções ao relacionamento humano. E que a ignorância diante dessa temática é um obstáculo para a plenitude e a felicidade na vida.

A banalização do corpo diante da sexualidade pela mídia aliena a pessoa de si mesma a ideias ilusórias e anseios desvirtuados e até mesmo inatingíveis. Isso acaba gerando uma cegueira parcial diante dos valores humanos e sociais e também de uma sensação de vazio e insatisfação constante (CARIDADE, 1999).

Isto sem falarmos dos fenômenos da globalização e a informatização que contribuíram para efetivar o paradigma do risco e da incerteza, afetando desse modo o tom de nossas emoções, o lugar dos corpos e de papéis de gêneros a serem desempenhados. Nosso tempo é o tempo presente. A percepção de tempo e espaços redimensionou nosso modo de ser. A lógica do *ethos* atual é consumir. Objetos, afetos, pessoas podem ser recicladas. Os vínculos afetivos e sexuais seguem a lógica das paixões consumistas (BRUNS & ALMEIDA, 2004).

A sexualidade humana é a dimensão que mais recebe influências e controle por parte da sociedade e suas instituições ao longo dos tempos e muitas vezes tendo o seu sentido relacional descaracterizado. É preciso compreender que “o mundo não é. O mundo está

sendo” (FREIRE, 2000 p. 78) e que somos seres atuantes no mundo e na construção da nossa sexualidade.

Quadro 10 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número 9. Em sua opinião, a quem cabe o trabalho relativo à educação sexual no espaço escolar?

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 9 . Em sua opinião, a quem cabe trabalho relativo à educação sexual no espaço escolar?
1	De maneira geral todos os professores, mais específico, professor de biologia.
2	Aos enfermeiros licenciados e aos professores de biologia.
3	Professores (ciências / biologia) e profissionais da saúde (enfermeiro / médicos).
4	Professor de ciências, biologia e profissionais de PSFs.
5	Pedagogos, enfermeiros, profissionais de educação em saúde.
6	Trabalho conjunto de enfermeiros e outros profissionais da saúde e também com professores de biologia, literatura.
7	Professores, com auxílio de profissionais da saúde, como o enfermeiro, por exemplo.
8	A todos que tem contato direto com os alunos e profissionais de saúde da comunidade em que a escola estiver inserida.
9	Professores (biólogos), enfermeiros, psicólogos e médicos.
10	Acredito que deve haver uma interação da escola com os serviços de saúde.
11	Aos professores e profissionais da área da saúde (enfermeiro).
12	Aos professores, porém como apoio de profissionais qualificados.
13	Ao professor e profissionais da saúde.
14	O conhecimento deve ser abrangente, a partir disso o enfermeiro pode ser o responsável pela temática.
15	Vejo que o enfermeiro tem grande potencial para trabalhar esse tema desde que saiba trabalhar e tenha conhecimentos para tal.
16	Educadores e também profissionais da saúde.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **9**. Em sua opinião, a quem cabe trabalho relativo à educação sexual no espaço escolar?

Relacionaram a:

[08] **Enfermeiro** (S:2 - S:3 - S:7 - S:9 - S:11- S:13 - S:14 - S:15)

[07] **Profissionais da saúde** (S:3 - S:5 - S:6 - S:7 - S:8 - S:11 -S:16)

[07] **Professores** (S:1 - S:3 - S:7 - S:11 - S:12 - S:13 - S:16)

[06] **Professores de Biologia / Ciências** (S:1 - S:2 - S:3 - S:4 - S:6 - S:9)

[02] **Médico** (S:3- S:9)

[01] **Profissionais de PSF's** (S:4)

[01] **Serviços de saúde** (S:10)

[01] **Psicólogo** (S:9)

[01] **Pedagogo** (S:5)

[01] **Professor de Literatura** (S:6)

Comentário: De acordo com as respostas obtidas, no Quadro 10, 08 estudantes opinaram que cabe ao Enfermeiro (S:2 - S:3 - S:7 - S:9 - S:11- S:13 - S:14 - S:15) o trabalho relativo à educação sexual no espaço escolar, 07 à Profissionais da saúde (S:3 - S:5 - S:6 - S:7 - S:8 - S:11 -S:16), 07 aos Professores (S:1 - S:3 - S:7 - S:11 - S:12 - S:13 - S:16), 06 aos Professores de Biologia / Ciências (S:1 - S:2 - S:3 - S:4 - S:6 - S:9), 02 ao Médico (S:3- S:9), 01 aos Profissionais de PSF's (S:4), 01 aos Serviços de saúde (S:10), 01 ao Psicólogo (S:9), 01 ao Pedagogo (S:5), 01 ao Professor de Literatura (S:6).

Dentre as respostas obtidas, o enfermeiro foi citado oito vezes; profissionais da saúde sete vezes; médico duas vezes e este segundo Abdo (2000) é o profissional solicitado neste campo, tanto do ponto de vista pedagógico quanto psicoprofilático ou terapêutico e profissionais do PSF's uma vez, é possível considerar um total de dezenove vezes que o profissional da área da saúde foi mencionado como habilitado para trabalhar com o a temática sexualidade humana. O psicólogo foi citado somente uma vez como habilitado para essa temática.

Os professores de biologia / ciências foram citados seis vezes, o professor de literatura uma vez; pedagogo uma vez e professores em geral sete vezes, totalizando quinze profissionais da área da educação vistos como habilitados para o trabalho com a temática sexualidade humana independente de sabermos que é um tema que pode ser trabalhado de forma transversal por todos os educadores.

De uma maneira geral nos currículos dos cursos de biologia, pedagogia, psicologia e enfermagem, não trazem de forma perceptível em suas ementas curriculares e nas propostas pedagógicas dos cursos, a abordagem da temática sexualidade humana de forma direcionada, articulada com outros saberes e/ou sistematizada.

De acordo com a professora Bonfim, no Brasil, os professores de Ciências Biológicas (S:1 - S:2 - S:3 - S:4 - S:6 - S:9) com frequência não estão preparados para sanar as dúvidas dos estudantes sobre temas relativos à sexualidade, porque a sua formação é focada no aspecto biológico, nas vertentes anatômicas e fisiológicas dessa área do conhecimento deixando as dimensões humanas e históricas em segundo plano, sendo que uma complementa a outra (FILHO, 2009).

A educação sexual nas escolas não pode estar norteadada somente aos aspectos biológicos e a eventos abordando tópicos como métodos contraceptivos, gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis ou ser silenciado como questão vergonhosa ou pecado.

Esse tipo de conduta quando silencia o prazer, a afetividade e as relações pessoais, a sociedade reforça a ideia procriativa, utilitarista, consumista e banalizada da sexualidade. É importante desenvolver uma visão mais crítica acerca da construção da sexualidade de modo a promover um resgate histórico, político, social, cultural, pessoal, religioso, econômico, familiar e filosófico da temática (FILHO, 2009).

Bonfim (2009 apud FILHO, 2009) defende a criação de uma disciplina que trate da sexualidade humana nos cursos de Ciências Biológicas, como também de Ciências Humanas, da Saúde, Educação e Licenciaturas em geral e que não seja trabalhada somente de forma integrada, articulada e transversal nos currículos acadêmicos dos cursos de licenciatura.

Temas que envolvem a sexualidade têm sido delegados aos profissionais da Saúde (S:3 - S:5 - S:6 - S:7 - S:8 - S:11 -S:16) e da Educação, incluindo o enfermeiro (S:2 - S:3 - S:7 - S:9 - S:11- S:13 - S:14 - S:15). Mas, acredita-se que o despreparo para lidar com essa temática, ou a formação incipiente, pode exigir uma reformulação das práticas educativas e de processos formativos no contexto acadêmico dos estudantes de licenciatura em enfermagem mais também nos cursos da área de educação (BUENO, 2009).

Consideramos importante esclarecer que as preocupações com a saúde do escolar advêm desde o século XVI e XVII na Europa. Aqui no Brasil, essas questões sempre estiveram inseridas e associadas à área da saúde e da educação. Por isso, os profissionais desses dois segmentos interagem em suas atividades e também em seus saberes (FERRIANI, 1991).

A importância direcionada à saúde é devida principalmente às transformações no modo de produção de bens, “a saúde passa a ser visualizada no capitalismo mercantil não como um bem individual e sim com bem do Estado” (FERRIANI, 1991, p. 43).

O que é valorizado nesse período é a conservação e/ou preservação dos corpos necessários ao modo de produção capitalista. O capital se apropria do trabalho do homem, a alienação é então total, o trabalhador torna-se propriedade do capital. “Neste momento é que se origina o conceito de “política nacional de saúde” como parte das estratégias destinadas a aumentar a riqueza e o poder nacional” (FERRIANI, 1991, p. 43).

Passa-se então, a valorizar a saúde a partir da infância devido a grande preocupação com a futura população enquanto força de trabalho. “Impõem se, todavia, a necessidade de se calcular as forças ativas da população, de definir as condições de seu crescimento e de

implantar medidas capazes de favorecê-la” A partir disso, a educação para A saúde ganha um contorno expressivo e o papel desses profissionais passa a ser de grande importância em todos os segmentos sociais, inclusive nas instituições escolares. “A saúde de um povo é matéria que interessa diretamente à sociedade como um todo” (FERRIANI, 1991, p. 43-48).

Para que a escola possa promover a saúde, talvez seja necessário antes de tudo, que ela deixe de ser entendida e responsabilizada como única instituição social adequada para acolher, promover a saúde, prevenir agravos e, inclusive, educar.

É indispensável reconhecer que a educação é parte do dia a dia da prestação de serviços de saúde. É importante também, articular as políticas de saúde na escola às discussões sobre o papel a ser desempenhado pela mídia, pelos demais espaços públicos e privados de convivência de adolescentes e jovens, um conjunto necessariamente, integrado de campos de ação, que se complementam e produzem mútuas influências.

Segundo essa forma de ver a questão, o sucesso da parceria entre saúde e educação depende do empenho em superar, por um lado, a antiga visão da escola e da comunidade escolar como objetos e do professor como instrumento de prestação da atenção primária em saúde. Por outro lado, é necessário superar a ideia de que é inviável, para o setor da saúde, acolher a população em idade escolar, o que justificaria o repasse de parte da execução de suas tarefas, sejam elas educativas, preventivas ou de prestação de ações de assistência, para os profissionais da educação.

Fica cada vez mais evidente, a necessidade do reconhecimento do caráter polissêmico da educação. Segundo Liguori (1997 apud SAVIANI, 2000), [...] a escola, percebendo toda essa mudança, tem tentado acompanhar essa evolução, pois, conforme vários teóricos da educação afirmam, ela tem que preparar os alunos para a vida. E uma das respostas às necessidades desse mundo produtivo e globalizado é garantir aos estudantes, o mínimo de conhecimento tecnológico. Neste aspecto, a educação tem como função fazer com que o mesmo conheça os elementos que o cercam, podendo intervir sobre eles garantindo assim a ampliação da sua liberdade, comunicação e colaboração com os seus semelhantes de forma ativa e reflexiva.

Isto posto faz-se pertinente, uma reflexão em torno da necessidade de inclusão de conhecimentos sobre história da sexualidade, gênero e corpo, especialmente para os que lidam com ações educativas nas áreas da Saúde e de Educação.

Quadro 11 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número **10**. Como você acredita que deveria ser realizado o trabalho de preparação do professor, a fim de que ele possa lidar com a temática sexualidade?

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 10 . Como você acredita que deveria ser realizado trabalho de preparação do professor, a fim de que ele possa lidar com a temática sexualidade?
1	Uma disciplina específica ou uma construção em disciplina.
2	Com exposição de metodologias adequadas sobre o tema.
3	Aprender fazendo.
4	Deve ser feita por profissionais da saúde.
5	Um bom aprendizado na formação superior.
6	Tratar da temática na sua formação.
7	Através de cursos, educação continuada ministradas por profissionais devidamente preparadas.
8	Com profissionais licenciados da área da saúde.
9	Desde questões de ordem ética até valores sociais.
10	Por profissionais da saúde que lidam com o tema em parceria.
11	Através de oficinas, vivências em workshops e cursos.
12	Através de cursos de qualificação sobre o referido tema.
13	Desde a graduação e também com cursos de atualização.
14	O professor deve conhecer bem as transformações que ocorrem no corpo e aprender metodologias adequadas para temática.
15	Ter conhecimentos cognitivos a respeito do desenvolvimento dos aparelhos reprodutores e trabalhar com metodologias ativas de aprendizagem, para poder desenvolver o tema com adolescentes.
16	Desde o primeiro ano do curso, pois como é um tema transversal, pode ser discutido em várias disciplinas.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **10**. Como você acredita que deveria ser realizado trabalho de preparação do professor, a fim de que ele possa lidar com a temática sexualidade?

Relacionaram a:

[04] **Graduação** (S:5 - S:6 - S:13 - S:16)

[04] **Cursos em geral** (S:7 - S:11 - S:12 - S:13)

[03] **Metodologias ativas de ensino** (S:2 - S:14 - S:15)

[03] **Profissionais da saúde** (S:4 - S:8 - S:10)

[01] **Disciplina específica** (S:1)

Comentário: De acordo com as respostas obtidas no Quadro 11, 04 estudantes responderam que acreditam que deveria ser realizado o trabalho de preparação do professor, a fim de que ele possa lidar com a temática sexualidade desde a Graduação (S:5 - S:6 - S:13 - S:16), 04 em Cursos em geral (S:7 - S:11 - S:12 - S:13), 03 com a inserção de metodologias ativas de ensino (S:2 - S:14 - S:15), 03 através de profissionais da saúde (S:4 - S:8 - S:10), 01 através de uma disciplina específica (S:1).

Através das respostas obtidas de acordo com o Quadro 11, foi possível perceber que os estudantes sentem a necessidade de que essa temática seja trabalhada durante sua formação na graduação e através de cursos de aprimoramento e que seja trabalhado com estratégia de ensino ativa, que articule o tema de forma multidisciplinar. [...] “independentemente da forma como a sexualidade foi abordada na infância e adolescência do indivíduo, a universidade não pode omitir ou marginalizar a discussão do processo da sexualidade humana” (BRÊTAS, OHARA, QUERINO, 2008, p.574).

De modo geral, a sexualidade pode ser trabalhada nas atividades programadas na escola e nos serviços de saúde e também mesmo que de forma não intencional, em todos os momentos de contato entre estas instituições e seus usuários.

Para que isso seja possível, esse assunto precisa ser dialogado de forma aberta, articulado com diversos saberes de forma horizontalizada e livre de preconceitos, o que pode ser entendido sobre a ótica do respeito à diversidade individual do ser humano. O preparo dos profissionais envolvidos no ambiente escolar e da saúde é imprescindível.

As aprendizagens sobre as dimensões pessoais e socioculturais da sexualidade, visam ampliar as possibilidades que cada pessoa tem de viver com maior liberdade, responsabilidade e prazer. Todos esses saberes e aprendizagens só ganham sentido quando são trabalhados no contexto da valorização da dignidade e da afetividade da pessoa humana.

A Educação Sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores (FIGUEIRÓ, 2006).

No entanto, ensinar sobre sexualidade no espaço da escola não se limita a colocar somente em prática estratégias de ensino. Envolve ensinar, através da atitude de educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é também, possibilitar ao indivíduo o direito a vivenciar o prazer, de autoconhecimento e auto-estima. Educar sexualmente igualmente implica em ensinar atitudes de respeito e tolerância para com todos que vivem sua

sexualidade de maneira diferente dos padrões heteronormativos instituídos socialmente (NUNES, 2005).

O profissional da saúde tem de certa maneira, uma dupla identidade: a de educador e de trabalhador da saúde. Essa duplicidade resulta do fato de que a educação ocupa lugar central no trabalho desenvolvido pelos profissionais da saúde, inclusive, tornando-o viável. É impossível pensar em saúde sem simultaneamente, pensar em educação e as relações existentes entre ambas. Por isso, faz-se pertinente uma melhor preparação dos estudantes de licenciatura em enfermagem para docência e para o trabalho com a temática sexualidade humana (GAZZINELLI, REIS, MARQUES, 2006).

Quadro 12 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número **11**. Quais temas você sente que têm mais dificuldades e gostaria de discutir ou esclarecer dúvidas sobre sexualidade?

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 11 . Quais temas você sente que têm mais dificuldades e gostaria de discutir ou esclarecer dúvidas sobre sexualidade?
1	DST.
2	Acredito que não tenho dificuldades até o momento.
3	-
4	-
5	-
6	Homossexualismo.
7	Religião versus sexualidade.
8	Como passar o tema “anatomia do corpo humano” de uma forma clara, simples, mas que consiga abordar todos os aspectos ligados à sexualidade e de uma forma que os alunos realmente se envolvam.
9	Gravidez na adolescência e uso de métodos contraceptivos.
10	Quando o tema é muito ligado à moral.
11	Tenho dificuldade para trabalhar a questão da opção sexual.
12	Perguntas sobre a realidade de pessoas prostituídas.
13	As questões sobre o relacionamento interpessoal são mais delicadas.
14	Homossexualidade, vida sexual precoce.
15	Homossexualidade, início da vida sexual precoce.
16	Sexualidade e Psicologia e as diferenças nas diversas fases da vida.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **11**. Quais temas você sente que têm mais dificuldades e gostaria de discutir ou esclarecer dúvidas sobre sexualidade?

Relacionaram a:

- [03] **Homossexualidade** (S: 6 - S: 14 - S: 15)
- [02] **Opção sexual** (S: 14 - S: 15)
- [02] **Vida sexual precoce** (S: 14 - S: 15)
- [01] **Sexualidade nas diversas fases da vida** (S:16)
- [01] **Anatomia do corpo humano** (S: 8)
- [01] **DST** (S:1)
- [01] **Gravidez na adolescência** (S: 9)
- [01] **Métodos contraceptivos** (S: 9)
- [01] **Prostituição** (S:12)
- [01] **Moral** (S: 10)
- [01] **Religião versus sexualidade** (S: 7)
- [01] **Relacionamento** (S:13)

Comentário: De acordo com as respostas obtidas em relação ao Quadro 12, 03 estudantes colocaram a Homossexualidade (S: 6 - S: 14 - S: 15) é um dos temas que mais despertam interesse na visão deles sobre sexualidade humana, 02 a Opção sexual (S: 14 - S: 15), 02 a Vida sexual precoce (S: 14 - S: 15), 01 a Sexualidade nas diversas fases da vida (S:16), 01 a Anatomia do corpo humano (S: 8), 01 DST (S:1), 01 a Gravidez na adolescência (S: 9), 01 os Métodos contraceptivos (S: 9), 01 a Prostituição (S:12), 01 a Moral (S: 10), 01 a Religião versus Sexualidade (S: 7), 01 o Relacionamento (S:13).

Lidar com as questões de gênero e as opções sexuais das pessoas (S: 14 - S: 15) é ainda, um assunto complexo, principalmente no ambiente social e escolar. E estes, têm mecanismos ocultos de ensinar e perpetuar a homofobia e falar da intimidade é um assunto que pode intimidar as pessoas de modo geral.

Em nenhum momento foram abordadas questões referentes à pedofilia, estupro, violência sexual, aborto, planejamento familiar, legislação e etc. pelos estudantes. Podemos fazer relação das respostas dessa questão (nº. 11) com a questão de nº. 7 que trata sobre o entendimento dos estudantes de Licenciatura em Enfermagem sobre sexualidade. Isso reforça o pensamento de que esses assuntos supracitados não aparecem no contexto formativo dos estudantes de Licenciatura em Enfermagem e pode ser por isso, que esses assuntos não chegam a ser explicitados por eles na instituição de ensino superior.

Hoje, mais do que nunca, é imperativo tratarmos adequadamente desse tema, já que os referenciais de construção sobre sexualidade, se dão num contexto de aparências, de banalização do sexo, dos sentimentos, das relações afetivo-sociais, do corpo e de temporariedades, devido às influências e controles sociais ao longo dos tempos (FIGUEIRÓ, 2006; NUNES, 2005).

Deveras, a educação sexual instituída no espaço escolar, pode contribuir para uma melhor otimização da vida, conhecimento dos seus direitos, na promoção da saúde física e mental, como também, na redução dos índices de gravidez precoce / ou não planejada, aborto, DST/AIDS, planejamento familiar e principalmente, na identificação de casos de violência sexual intra-familiar e extra-familiar, assim como, na intervenção e promoção de fatores de proteção, que minimizem a violência e seu impacto sobre o desenvolvimento humano (BUENO, 2009).

A OMS define a violência sexual como, “qualquer ato sexual ou tentativa de ato sexual não desejado, ou atos para traficar a sexualidade de uma pessoa utilizando coerção, ameaças ou força física, praticados por qualquer pessoa, independentemente de suas relações com a

vítima, em qualquer cenário, incluindo, mas não limitado ao do lar ou do trabalho” (RIBEIRO, DIAS, 2009).

Dentre os tipos de violência pode ocorrer no extra ou intrafamiliar, a violência / abuso sexual é uma das mais complexas, porque costuma estar associada a danos físico, psíquico e moral. Ela envolve poder de dominação, coação e desigualdades de força e gênero (RIBEIRO, DIAS, 2009).

A questão da prostituição (S:12) também é marcante na sociedade. O problema da prostituição infanto-juvenil e até mesmo adulta, não é um fenômeno só de natureza social, é um problema de saúde pública, mas que precisa ser analisado também em âmbito psíquico e antropológico (RIBEIRO, DIAS, 2009).

“E ainda, é indispensável incentivar a educação sexual nas escolas que promova o debate sobre ética no exercício da sexualidade. Por estarmos vivendo um momento complexo de construção dos valores sexuais devido às varias modificações de postura, de condutas e do modo de perceber a sexualidade nas últimas décadas, as novas concepções levam a entender o fenômeno da prostituição em âmbito mais complexo” (MEDEIROS, 2001 apud RIBEIRO, DIAS, 2009).

De certa forma, o profissional da área da saúde, no caso o licenciado em Enfermagem, encontrará certamente, casos relacionados à violência sexual no contexto da saúde e no educacional, por isso, é imprescindível que ele esteja preparado para essa realidade.

Uma outra resposta chamou a atenção, pelo termo utilizado homossexualismo (S:6), esse assunto não é considerado atualmente adequado pois o sufixo “ismo” reporta ao passado, quando o indivíduo homoafetivo ou homoerótico era considerado doente pela Medicina e pela Psicologia, socialmente indesejável por regimes políticos e tradições culturais e pecador por parte de algumas religiões. Já homossexualidade (S: 14 - S: 15) deriva do grego *homos* (= o mesmo) e do latim *sexus* (= sexo); o sufixo *dade*, em português, designa “o modo de ser” (ABDO, 2000; 2004; 2006).

Não importa qual seja a orientação sexual. Nenhuma, por si só, é nociva ou anormal. O importante é que o indivíduo possa vivê-la em sintonia com outras dimensões da vida, como a emocional, a sexual e a social. Na maioria das pessoas, existe a capacidade de amar e isto independe do sexo pelo qual cada uma se interessa. E o amor homossexual, ao contrário do estereótipo, não é apenas sexo, mas também intimidade, afetividade e companheirismo, do mesmo modo que o amor heterossexual. Cada pessoa tem o direito de exercer a sua sexualidade em liberdade, fazendo-se respeitar e respeitando a orientação sexual das demais (ABDO, 2006; 2004; 2000).

Segundo Berge (1968, p. 20) a sexualidade e o seu desenvolvimento durante o ciclo vital,

“tem não só um caráter orgânico, mas também afetivo e psíquico. O amor não é simplesmente um ato fisiológico (sexual); e a educação sexual não poderia limitar-se a ensinar certos pormenores de biologia animal, nem mesmo a evitar desvios e perversões possíveis de um instituto particularmente acuado. Tem a finalidade mais elevada: a de preparar para o amor, dando a essa palavra sua acepção mais ampla. Preparar para o amor é preparar para a vida, para o desabrochar do ser: é dar bases estáveis e sãs à família e a sociedade”.

A esfera religiosa (S:7) tem renovado seus discursos sobre o gênero e a sexualidade, mantendo-se como dimensão sociocultural relevante no processo de socialização e de certo modo continuam sinalizando suas ideias em relação à normatividade sexual. O discurso religioso codifica as atitudes morais consideradas razoáveis para seu grupo de seguidores (SILVA et al., 2008).

“A sexualidade foi reconhecida como foco de interesse e reflexão em todas as comunidades religiosas estudadas. O sexo foi significado como sagrado [...] Portanto, a religiosidade ganha legitimidade para normatizar o *ethos* privado e a dimensão sagrada da construção da sexualidade, dos corpos e dos desejos. Há, assim, presença de uma ordem moral e de padrões de conduta considerados ideais e cada denominação religiosa desenvolve modos específicos de orientar comportamentos e de disciplinar seu rebanho. Os entrevistados não se envergonham da sexualidade, pois a concebem-na como divinizada se orientada pela moral que valorizam, compartilham e ressignificam” (SILVA et al. 2008, p. 686).

A educação para a saúde principalmente, associada à temática sexualidade, deverá ser trabalhada segundo Silva et al. (2008, p. 691) na perspectiva do diálogo, da compreensão, da interpretação e do reconhecimento de suas verdade e cultura. Mas, que de um outro ponto de vista pode ser entendida como incompleta. Por isso, é sempre importante que o papel educativo do enfermeiro se inicie através do respeito à concepção de dignidade humana, das diferenças e da diversidade.

Quadro 13 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número **12**. Você tem interesse em participar de um grupo de estudos sobre sexualidade (educação sexual)? Sim Não. Comente quais seriam suas expectativas em relação ao grupo de estudos.

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 12 . Você tem interesse em participar de um grupo de estudos sobre sexualidade (educação sexual)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Comente quais seriam suas expectativas em relação ao grupo de estudos.
1	Não. <i>Comentário:</i> Dependendo das considerações dentro do grupo.
2	Não. <i>Comentário:</i> Tema da pesquisa é extramente interessante, principalmente por abordar algo muito presente no curso de licenciatura em Enfermagem.
3	Não. <i>Comentário:</i> Até acho interessante um grupo sobre este tema, mas trabalho e não tenho muito tempo disponível.
4	Não. <i>Comentário:</i> Talvez entrar como uma LIGA (uma possibilidade)
5	Não. <i>Comentário:</i> -
6	Sim. <i>Comentário:</i> Aprender novas estratégias, como trabalhar o tema nas diferentes faixas etárias. Aprender a trabalhar o tema com professores, alunos, funcionários, ou seja, conseguir ampliar o trabalho envolvendo toda a escola.
7	Sim. <i>Comentário:</i> Que abordasse pelo menos as principais dificuldades que poderemos encontrar na prática e como lidar com elas. Além de tratar de assuntos polêmicos como aborto, homossexuais, AIDS, prostituição, religião e sexualidade.
8	Sim. <i>Comentário:</i> Compartilhar experiências e aprender novas técnicas e dinâmicas.
9	Sim. <i>Comentário:</i> Como trabalhar linguagem para alunos com diferentes morais religiosas. Diante da temática, como trabalhar com alunos sem educação familiar temas polêmicos que exigem condutas decentes sem exposição ao sarcasmo realizado pelos alunos.
10	Sim. <i>Comentário:</i> Estratégias para lidar como os problemas que se apresentam discussões, referentes à moral / conduta. Postura e posicionamento frente a questões polêmicas.
11	Sim. <i>Comentário:</i> Obter ferramentas que auxiliem no trabalho dessa temática.
12	Sim. <i>Comentário:</i> Deveríamos ter mais tempo para trabalhar esse tema na faculdade.
13	Sim. <i>Comentário:</i> Embasar minha prática profissional.
14	Sim. <i>Comentário:</i> Grupo que fosse possível falar sobre as minhas dificuldades e pudesse ser ajudada para superar.
15	Sim. <i>Comentário:</i> Um pouco que possa ouvir nossas dúvidas e que nos ajude a desenvolver esse tema, principalmente com adolescentes.
16	Sim. <i>Comentário:</i> Ótimas. Acredito que eu sairia mais instrumentalizada para minhas atividades.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **12.** Você tem interesse em participar de um grupo de estudos sobre sexualidade (educação sexual)? Sim Não. Comente quais seriam suas expectativas em relação ao grupo de estudos:

[11] **SIM** (S:6- S:7- S:8- S:9- S:10- S:11- S:12- S:13- S:14- S:15- S:16)

S:6- *“Aprender novas estratégias, como trabalhar o tema nas diferentes faixas etárias. Aprender a trabalhar o tema com professores, alunos, funcionários, ou seja, conseguir ampliar o trabalho envolvendo toda a escola.”*

S:7- *“Que abordasse pelo menos as principais dificuldades que poderemos encontrar na prática e como lidar com elas. Além de tratar assuntos polêmicos como aborto, homossexuais, AIDS, prostituição, religião e sexualidade.”*

S:8- *“Compartilhar experiências e aprender novas técnicas e dinâmicas.”*

S:9- *“Como trabalhar linguagem para alunos com diferentes morais religiosas. Diante da temática, como trabalhar com alunos sem educação familiar temas polêmicos que exigem condutas decentes sem exposição ao sarcasmo realizado pelos alunos.”*

S:10- *“Estratégias para lidar como os problemas que se apresentam discussões, referentes á moral / conduta. Postura e posicionamento frente a questões polêmicas.”*

S:11- *“Obter ferramentas que auxiliem no trabalho dessa temática.”*

S:12- *“Deveríamos ter mais tempo para trabalhar esse tema na faculdade.”*

S:13- *“Embasar minha prática profissional.”*

S:14- *“Grupo que fosse possível falar sobre as minhas dificuldades e pudesse ser ajudada para superar.”*

S:15- *“Um pouco que possa ouvir nossas dúvidas e que nos ajude a desenvolver este tema, principalmente com adolescentes.”*

S:16- *“Ótimas. Acredito que eu sairia mais instrumentalizada para minhas atividades.”*

[05] **NÃO** (S:1- S:2- S:3- S:4- S:5)

S:1- *“Dependendo das considerações dentro do grupo.”*

S:2- *“Tema da pesquisa é extramente interessante, principalmente por abordar algo muito presente no curso de licenciatura em Enfermagem.”*

S:3- *“Até acho interessante um grupo sobre esse tema, mas trabalho e não tenho muito tempo disponível.”*

S:4- *“Talvez entrar como uma LIGA (uma possibilidade)”*

S:5-

Comentário: De acordo com as respostas obtidas no Quadro 13, a grande maioria dos (11) participantes da pesquisa respondeu que têm interesse em participar de um grupo de estudos sobre a sexualidade humana e seus desdobramentos, que possa possibilitar o tratamento adequado para lidar com a temática de acordo com o público-alvo, estratégias de ensino e material didático pedagógico. Mais do que isso, seria um espaço para o diálogo e troca de experiências e de auto-aprendizado. Apenas 05 responderam que não teriam interesse em participar de um de estudo.

A oportunidade de se falar sobre a sexualidade humana, pode ser vista como uma possibilidade de discutir e/ou vivenciar, na academia, as situações que podem vir comprometer o desempenho dos futuros profissionais, preparando-os para lidar com as diversas questões que a sexualidade pode desencadear, conferindo-lhes mais segurança durante sua atuação.

Os 05 estudantes que responderam que não teriam interesse em participar de um grupo de estudos, mas 02 estudante (S:2 - S:3), acreditam ser um tema de estudo e pesquisa extremamente interessante, 01 (S:3) estudante coloca a dificuldade de conciliar os seus horários há um grupo de estudo , já que não tem muito tempo livre, 01 (S:4) estudante sugere que a temática sexualidade humana seja trabalho como uma LIGA e 01 (S:5) estudante não fez nenhum comentário.

Quadro 14 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número **13**. Você considera importante a inserção de uma disciplina sobre sexualidade humana na grade curricular do seu curso? Sim Não. Comente.

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 13 . Você considera importante a inserção de uma disciplina sobre sexualidade humana na grade curricular do seu curso? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Comente.
1	Sim. <i>Comentário:</i> Atualmente é um tema muito abordado, mas nem sempre com qualidade.
2	Sim. <i>Comentário:</i> É sempre importante obter conhecimentos sobre esse tema.
3	Não. <i>Comentário:</i> –
4	Sim. <i>Comentário:</i> Importante principalmente para Licenciatura.
5	Sim. <i>Comentário:</i> –
6	Sim. <i>Comentário:</i> Porque é a demanda que encontramos na escola.
7	Sim. <i>Comentário:</i> Precisamos de maior embasamento científico / prática para, futuramente, trabalharmos como mais segurança.
8	Não. <i>Comentário:</i> No nosso caso, acredito que sexualidade não é a prioridade, pois temas de outras matérias que julgo mais necessárias de serem aprendidas com professores que estão ou foram dadas de uma forma abaixo das expectativas e necessidades dos alunos. Além de matérias importantes que nem chegaram a ser dadas como, por exemplo, nutrição e dietética; urgência e emergência.
9	Sim. <i>Comentário:</i> Abrangeria não apenas um conteúdo, mas contribuiria com um leque de dificuldades com as vivências.
10	Sim. <i>Comentário:</i> É um tema que é essencial à nossa formação enquanto enfermeiro licenciado.
11	Sim. <i>Comentário:</i> Principalmente porque nos deparamos muito com essa temática nos estágios em escolas de Educação Básica.
12	Sim. <i>Comentário:</i> Extremamente importante.
13	Sim. <i>Comentário:</i> É um tema recorrente no ambiente escolar.
14	Sim. <i>Comentário:</i> Discussões em algumas horas aula poderiam ajudar muito o enfermeiro licenciado.
15	Sim. <i>Comentário:</i> Com certeza, vai ao encontro de nossas necessidades.
16	Sim. <i>Comentário:</i> O enfermeiro deve estar apto para lidar com essa temática.

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **13**. Você considera importante a inserção de uma disciplina sobre sexualidade humana na grade curricular do seu curso? Sim Não. Comente.

[14] **SIM** (S:1- S:2- S:4- S:5- S:6- S:7- S:9- S:10- S:11- S:12- S:13- S:14- S:15- S:16)

S:1- “Atualmente é um tema muito abordado, mas nem sempre com qualidade.”

S:2- “É sempre importante obter conhecimentos sobre esse tema.”

S:4- “Importante principalmente para Licenciatura.”

S:5- –

S:6- *“Porque é a demanda que encontramos na escola.”*

S:7- *“Precisamos de maior embasamento científico / prática para, futuramente, trabalharmos como mais segurança.”*

S:9- *“Abrangeria não apenas um conteúdo, mas contribuiria com um leque de dificuldades com as vivências.”*

S:10- *“É um tema que é essencial à nossa formação enquanto enfermeiro licenciado.”*

S:11- *“Principalmente porque nos deparamos muito com essa temática nos estágios em escolas de Educação Básica.”*

S:12- *“Extremamente importante.”*

S:13- *“É um tema recorrente no ambiente escolar.”*

S:14- *“Discussões em algumas horas aula poderiam ajudar muito o enfermeiro licenciado.”*

S:15- *“Com certeza, vai ao encontro de nossas necessidades.”*

S:16- *“O enfermeiro deve estar apto para lidar com essa temática.”*

[02] **NÃO** (S:3- S:8)

S:3- –

S:8- *“No nosso caso, acredito que sexualidade não é a prioridade, pois temas de outras matérias que julgo mais necessárias de serem aprendidas com professores que estão ou foram dadas de uma forma abaixo das expectativas e necessidades dos alunos. Além de matérias importantes que nem chegaram a ser dadas como, por exemplo, nutrição e dietética; urgência e emergência.”*

Comentário: De acordo com as respostas obtidas, 14 (S:1- S:2- S:4- S:5- S:6- S:7- S:9- S:10- S:11- S:12- S:13- S:14- S:15- S:16) estudantes responderam que consideram importante a inserção de uma disciplina sobre sexualidade humana na grade curricular do curso de Licenciatura em Enfermagem e 02 (S:3- S:8) estudantes não consideram importante.

Trabalhar nos cursos de formação de professores com a temática sexualidade é proporcionar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria, então, de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas pela visão médico-higienista, biológica, religiosa etc., que não contempla a sexualidade humana naquilo que lhe pode dar significado e vivência autêntica (BUENO, 2009; FIGUEIRÓ, 2006). Todavia, vale destacar que o ideal seria considerar para temática da sexualidade, o seu caráter de transversalidade, percorrendo toda a grade curricular, sendo inserido necessariamente, no Projeto Político Pedagógico das escola de modo geral e nas instituições de nível superior (BUENO, 2001).

A universidade deve ser um dos eixos norteadores na construção do conhecimento científico, tecnológico e de suas aplicações às demandas individuais e sociais. Deve chegar até ao aluno, o cidadão, sugerindo o princípio da cientificidade, da necessidade em compreender a realidade que a cerca e interferir nela, ética e democraticamente através de sua cidadania. Ser cidadão é ser capaz de compreender e explicar o mundo, bem como atuar nele

de forma consciente e crítica, no que se refere aos seus direitos e deveres e ir além, ser agente de sua própria transformação (SEVERINO, 2008).

A experiência educativa, seja qual for a sua abrangência, não tem a possibilidade de dar conta de todas as dimensões pessoais e socioculturais envolvidas na sexualidade. Primeiro, porque a educação das pessoas também decorre de experiências vividas junto à família e outros grupos de convivência, ao longo de toda a vida. Sem dúvida, é necessário ir além da anatomia e da fisiologia, para incluir as dimensões afetivas e sociais e trazer à consciência os valores envolvidos, dando ao prazer, direito o de cidadania. Ainda assim, permanecerá existindo felizmente, uma maneira de experimentar e viver o desejo que será própria de cada sujeito, como indivíduo singular (BUENO, 2009; FRANÇA, BAPTISTA, 2007; FIGUEIRÓ, 2006).

“Acredita-se que o enfermeiro pode contribuir para desmistificar os mitos e preconceitos direcionados à sexualidade e para a otimização do conhecimento da população acerca da temática "sexualidade humana" em todas as suas nuances bio-psico-sociológicas. Essa prática exige o intercurso das instituições formadoras no intuito de capacitar o facilitador do processo educativo para, em segunda instância, habilitar os educandos” (FRANÇA, BAPTISTA, 2007, p.205).

No Brasil, a educação sexual é um movimento que está incorporado ao contexto educacional. Mas, os currículos dos cursos de formação dos educadores raramente incluem a sexualidade humana como tema de debate. Mesmo quando se trata de cursos de nível superior, da área da saúde, como é o caso da Enfermagem e até mesmo na Educação. Alguns cursos de graduação tratam o tema sexualidade humana de forma velada, da ordem do provido ou até mesmo conforme a ordem médica-biologicista e higienista (FRANÇA, BAPTISTA, 2007).

As lacunas da educação sexual no processo de formação do enfermeiro são latentes. Há necessidade desses sujeitos adquirirem embasamento suficiente acerca do processo de sexualidade, nas diferentes etapas do ciclo da vida, para que possam discernir o normal do patológico, reconhecer as consequências advindas das enfermidades e discutir com outros profissionais, formas resolutivas dos problemas e de simplesmente exercer o seu papel educativo como formador de recursos humanos, como profissionais de programas educativos nas instituições de educação básica contemplando a dimensão histórica, social, cultural, relacional emocional, espiritual e etc. (EGRY, 1985; GIR, NOGUEIRA, PELÁ 2000; FRANÇA, BAPTISTA, 2007).

De modo geral, esta pesquisa permitiu confirmar a necessidade da inclusão de algum tipo de saber específico, direcionado e sistematizado sobre temática sexualidade, direcionada aos estudantes de Enfermagem e também aos de Licenciatura. Esse assunto não só contribuirá para formação profissional como também pessoal de cada envolvido, minimizando os tabus, mitos e preconceitos existentes em relação à sexualidade, seja esclarecendo as dúvidas ou sendo uma fonte de informação, orientação e construção (BRÊTAS, OHARA, QUERINO, 2008).

Quadro 15 - Distribuição qualitativa das falas dos sujeitos referente à questão norteadora de número **14**. Livre para você se expressar sobre / como quiser:

Sujeitos	Resposta referente à pergunta: 14 . Livre para você se expressar como quiser:
1	–
2	–
3	Como um tema transversal, a sexualidade deve permear todas as disciplinas, ou universidade ou módulos...
4	Acho mais fácil falar do que escrever sobre esse assunto em minha opinião.
5	–
6	–
7	–
8	–
9	É um tema importantíssimo para os alunos e os professores, enquanto disciplina deveria ser abordada desde os primeiros contatos dos alunos com a Educação Básica.
10	–
11	–
12	–
13	–
14	–
15	–
16	–

Categorização das respostas dos estudantes do 4º ano da Licenciatura em Enfermagem pesquisados em relação à pergunta: **14**. Livre para você se expressar como quiser:

[03] **Importante** (S:3 - S:4 - S:9)

S:3- *“Como um tema transversal, a sexualidade deve permear todas as disciplinas, ou universidade ou módulos...”*

S:4- *“Acho mais fácil falar do que escrever sobre esse assunto em minha opinião.”*

S:9- *“É um tema importantíssimo para os alunos e os professores, enquanto disciplina deveria ser abordada desde os primeiros contatos dos alunos com a Educação Básica.”*

Comentário: Nessa questão pudemos observar no Quadro 15, que somente 03 estudantes se expressaram livremente colocando que a sexualidade humana é um tema transversal em todas as disciplinas e que deveria ser abordado desde o início dos estágios realizados com a Educação Básica (S:3 - S:9). Apenas um estudante colocou que escrever sobre a temática sexualidade humana é mais difícil do que falar sobre ela. (S:4)

De modo geral, a temática sexualidade humana é considerada relevante no contexto educacional por ser considerada transversal a todas as áreas do saber e inerente ao ser humano, sendo um assunto que precisaria ser mais difundido. É de fundamental importância uma abordagem a respeito da sexualidade, em suas diversas formas de expressão, contextualizando-a social, histórica e economicamente e, sobretudo articulada com a prática profissional, contribuindo assim para uma melhor qualidade de assistência prestada aos usuários dos serviços de saúde e do contexto educacional.

6. PROPOSTA

A proposta que fazemos com base nos dados obtidos através dessa pesquisa, é a articulação planejada sobre sexualidade humana, privilegiando essa temática nas ementas curriculares ou até mesmo a criação de um espaço multidisciplinar para a ampliação e discussão desse tema ou até mesmo na criação de um eixo temático na grade curricular, com o objetivo geral de suprir algumas lacunas e prestar esclarecimentos em relação à sexualidade humana, bem como, possibilitar a geração de conhecimentos, discussões e debates sobre sexualidade e assuntos correlatos, com a difusão do saber de forma aberta, horizontalizada, dialógica e emancipatória. Isso possibilitará trabalhar a transversalidade articulada com outras “disciplinas”, propondo uma forma de atender aos interesses apresentados pelos estudantes de acordo com suas respostas.

Sabemos que um eixo temático ou espaço de modo geral pode não conseguir suprir o estudo a respeito da sexualidade humana. Mas, é preciso empreender de algum modo o estudo dessa temática de forma articulada, flexível, transversal, contextualizada no currículo integrado. Considerando o corpo, os sentimentos e as vivências em seus aspectos históricos sociais, culturais e espirituais. Podendo ser trabalhado através de: leituras, seções de cinema, debates, discussões, teatros, mesa redonda, conferências, reuniões, ateliês de expressão, dinâmicas, fóruns e etc.

Para tanto será necessário uma abordagem pedagógica interdisciplinar, crítico-reflexivo, que favoreça o diálogo e assim, permitir uma atuação integrada, eficiente e eficaz englobando o ensino, a pesquisa, a extensão e a assistência no caso dos enfermeiros.

A concepção interdisciplinar é uma prática didático-pedagógica que poderá contribuir com as diversas formas de pensar e de observar o mesmo objeto sob perspectivas diferentes, possibilitando a manifestação de novos hábitos de pensamento, sentimentos e ações.

Nessa linha de raciocínio, o currículo integrado focado na interdisciplinaridade está organizado e articulado em núcleos que ultrapassam os limites das matérias/disciplinas, para que o aluno entenda como os saberes se integram na construção de uma temática, construindo competências para a prática profissional. É importante entender que, no currículo integrado, as matérias não são anuladas, senão construídas em núcleos ou módulos que facilitam o diálogo entre os saberes, tendo como objetivo explicar, compreender e intervir num determinado assunto.

O que evidenciamos é que para aplicar essa proposta didático-pedagógica é necessário um trabalho em equipe, onde todos os docentes da instituição envolvidos no processo educativo atuem num enfoque comum, revendo a grade curricular e discutindo as necessidades dos discentes e as competências que eles precisam atingir e que estejam definidos no Projeto Político-Pedagógico da instituição.

A inserção mais direcionada sobre a sexualidade humana de forma interdisciplinar retrata a necessidade de se ampliar a compreensão dessa temática, e de aprofundar conceitos, revisar valores, através dos cursos de graduação e dos cursos de formação de profissionais que lidam com a educação e saúde de crianças, de adolescentes e de adultos. Ademais, há constatação nos dias atuais de problemas relacionados diretamente à falta de educação em relação à sexualidade, tais como o crescente número de gestações não planejadas, a prática de abortos por jovens e adultos, o aumento dos casos de AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, reforçam a necessidade de repensar o ver, o sentir e o agir no que se refere à sexualidade, enquanto dimensão fundamental da integridade humana.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto nessa pesquisa, depreendemos da relevância deste estudo, para uma melhor instrumentalização e articulação das áreas do conhecimento sobre a sexualidade humana, mesmo sabendo que parte dos estudantes, de certa maneira, possui algum conhecimento sobre o assunto, advindo de suas vivências acadêmicas, familiares, sociais e culturais.

No final da análise das respostas obtidas percebemos que alguns estudantes responderam de maneira breve ou deixaram de fazer algum comentário, deduzimos então que tratar essa temática é algo que nos remete a alguns envolvimento como, por exemplo, a dificuldade de se expressar, ou mesmo o não interesse pela questão, conhecimento superficial sobre a sexualidade e até mesmo insegurança em tratá-la em âmbito público (ou educacional). Em nossa opinião não consideramos isto como um ponto negativo e sim, como, a pertinência da articulação e dialogicidade dessa temática na formação da/o enfermeira/o (e licenciandos em geral) dentro de um currículo articulado.

Depreendemos que o presente estudo alcançou de modo geral, os objetivos propostos inicialmente, em investigar se a temática sexualidade humana foi abordada no Curso de Licenciatura em Enfermagem. Se os estudantes possuem os saberes necessários advindos da preparação acadêmica presente no currículo, para trabalharem a temática sexualidade nos seus estágios e futuro cotidiano profissional. Assim, tivemos a ideia do perfil dos estudantes, e de como é construída a sua identidade profissional, de enfermeiro e educador, frente à sexualidade humana e como se pode articular esses saberes no currículo do curso.

A aquisição de conhecimentos sobre a sexualidade humana, principalmente nos cursos de Licenciatura, pode contribuir para a minimização de posturas inadequadas, quando se depara com tal assunto em sua prática profissional. Para que isso tenha um efeito positivo, pode ser possível uma maior transversalidade do tema sexualidade humana e seus desdobramentos no currículo ou até mesmo que seja privilegiado um espaço livre para o diálogo tendo-o em vista como um saber importante, que diz respeito à integralidade e dimensão do ser humano e da sociedade.

O conhecimento sobre a sexualidade em termos gerais, proporciona o autoconhecimento e isso repercute em todo o seu ser, pessoal, social e profissional e conseqüentemente na sua qualidade de vida e de cidadão solidário e cooperativo, que vise transformar o contexto no qual está inserido. Assim, o estudante de Enfermagem pode reunir e desenvolver conhecimentos específicos, didáticos pedagógicos e competências, para o processo educativo

frente à questão da sexualidade humana, articulado aos demais profissionais da educação e da saúde.

Depreendemos que trabalhar a temática sexualidade e seus desdobramentos de forma aberta e democrática, compreendendo o ser humano e suas dimensões sexuais, longe de preconceitos, tabus, mitos e crendices populares, podem possibilitar que o ser humano seja mais pleno, mais digno e mais humano e conseqüentemente mais feliz, tanto no nível pessoal, quanto profissional, no decorrer do ciclo vital.

8. REFERÊNCIAS

- ABDO, C. H. N. (org). **Sexualidade Humana e seus Transtornos**. São Paulo: Lemos, 2000.
- ABDO, C. H. N. **Descobrimento sexual do Brasil**. São Paulo: Summus, 2004.
- ABDO, C. H. N. **Sexo pode ser**. São Paulo: Prestígio, 2006.
- ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. São Paulo: MG, 1985.
- ALARCÃO, I (org). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ALMEIDA, D. V. de. **O ensino da humanização nos currículos de graduação em Enfermagem**. São Paulo: [146 folhas], 2007. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)-Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de São Paulo. São Paulo, 2007.
- ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Rev. Estd. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n.º. 2, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?scrip=sci_arttex&pid=S0104026X2001000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 set. 2008.
- ALVES, N. (org). **A formação de professores: pensar e fazer**. 4ªed. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas: Papyrus, 2000.
- ALVES, R. **Educação dos sentidos**. Campinas: Editora Versus, 2005.
- ARTEAGA, C. R.; KOLLING, M. G.; MESQUIDA, P. Educação e saúde: um binômio que merece ser resgatado. **Rev. bras. educ. med.** [on line]. 2007, vol.31, n.1, pp. 60-66. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v31n1/09.pdf>> Acesso em: 29 out. 2009.
- BAGNATO, Maria Helena Salgado. **Licenciatura em Enfermagem: para que?** 1994. 226 f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1994.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BATISTA, C. A. **Educação e Sexualidade: um diálogo com educadores**. São Paulo: Ícone, 2008.
- BERGE, A. **A educação sexual e afetiva**. Tradução de Teresa de Araújo Pena e Maria Luisa Studart de Moraes. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- BOUSSO, R. S. et al. Estágio curricular em Enfermagem: transição de identidades. **Rev. Esc. Inf. USP**, v. 34, n. 2, p.218-25, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/517.pdf>> Acesso em: 29 out. 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ação educativa nos serviços básicos de saúde**. Brasília: MS, 1980.

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução CNE/CES n ° 3, de 7 de novembro de 2001. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de Novembro de 2001. Seção 1, p. 37.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. (Série Temas Transversais – Orientação Sexual) Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras a pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: MS, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. (Série Temas Transversais – Orientação Sexual) Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Superior. Legislações e Normas. **Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em Enfermagem**. Brasília: MEC, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=com_content&task=view&id=598&Itemid=617>. Acesso em: 01 set. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Legislações e Normas. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 01 set. 2008.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº. 6.286**, de 5 de dezembro de 2007. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6286.htm> Acesso em: 01 set. 2008.

BRÊTAS, J. R. da S.; OHARA, C. V. da S.; QUERINO, I. D. Orientação sobre sexualidade para estudantes de Enfermagem. **Acta paul. enferm.** [on line]. 2008, vol.21, n.4, pp. 568-574. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n4/a06v21n4.pdf>> Acesso em: 29 out. 2009.

BRITZMAN, D. P. Sexualidade e cidadania democrática, In: SILVA, L. H. (Org). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRUNS, M. A. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Átomo, 2004.

BUENO, S. M. V. **Educação preventiva em sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência**. 2001. 190 f. Tese (Livre-Docência) Departamento de Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

BUENO, S. M. V. **Tratado de Educação Sexual e Sexualidade DST, AIDS, Drogas e Violência**. Ribeirão Preto: FIERP/EERP-USP, 2009.

BURIOLLA, M. A. F. **O estágio supervisionado**, São Paulo, Cortez, 1995.

CARIDADE, A. Capítulo 1 A construção cultural da sexualidade. *In*: RIBEIRO, M. (Org) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**, vol. 2. São Paulo: Gente, 1999.

CARVALHO, J. S. F. de. (org). **Programa de Formação de Professores**. São Paulo: Programa de Reitoria de Graduação, 2004.

CARVALHO, V. de. Cuidando, pesquisando e ensinando: acerca de significados e implicações da prática da Enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v12, n5, Ribeirão Preto set/out, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692004000500015&Ing.. Acesso em: 11 març. 2005.

CAVERNI, L. M. R. **Curso técnico de enfermagem: uma trajetória histórica e legal - 1948 a 1973**. São Paulo: [s.n.], 2005. 193 p. Tese (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem.

CHAUÍ, M. H. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. Brasiliense: São Paulo, 1984.

COSTA, J. F. **A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

COSTA, F. N. do A. **Visitando a prática pedagógica do enfermeiro professor**. São Carlos: Rima, 2003.

CUNHA, M. I. (org). **Pedagogia Universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

DELL'ACQUA, M. C. Q.; MIYADAHIRA, A. M. K. ; IDE, C. A. C. Planejamento de ensino em Enfermagem: intenções educativas e as competências clínicas. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2009, vol.43, n.2, pp. 264-271. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a02v43n2.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2006.

DESLANDES, S. F. **Prevenir a violência: um desafio para os profissionais de saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES – Jorge Carelli, 1994.

DIAS, A. **Pesquisa ação com alunos do curso técnico profissionalizante de enfermagem sobre sexualidade DST/AIDS**. Ribeirão Preto: [s.n.], 2000. 158 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

DILLY, C. M. L.; JESUS, M. C. P. **Processo educativo em Enfermagem: das concepções pedagógicas à prática profissional**. São Paulo: Probel, 1995.

DINIS, N.; ASINELLI-LUZ, A. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educ. Rev.** [on line]. 2007, n.30, pp. 77-87. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a06n30.pdf>> Acesso em: 29 out. 2009.

DOMINGUES, M. P.; BUENO, S. M V. **Postura educativa do enfermeiro psiquiátrico e a sua atuação profissional.** Ribeirão Preto: FIERP, 2009.

EBISUI, C. T. N.; BUENO, S. M V. **Enfermeiro professor da educação profissional.** Ribeirão Preto: FIERP, 2009.

EGRY, E. Y. **O docente de Enfermagem e o ensino da sexualidade humana: ação educativa através da pesquisa participante.** São Paulo: [s.n.], 1985. 157 p. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, 1985.

FARIA J. I. L.; CASAGRANDE L. D. R. A educação para o século XXI e a formação do professor reflexivo na enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem.** 2004, setembro-outubro; 12(5):821-7. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n5/v12n5a17.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

FERNANDES, J. D. et al. Diretrizes curriculares e estratégias para implantação de uma nova proposta pedagógica. **Rev. esc. enferm. USP [online].** 2005, vol.39, n.4, pp. 443-449. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v39n4/10.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

FERREIRA JUNIOR, M. A. Os reflexos da formação inicial na atuação dos professores enfermeiros. **Rev. bras. enferm. [online].** 2008, vol.61, n.6, pp. 866-871. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a12v61n6.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

FERREIRA M. A., FIGUEIREDO N. M. A. Expressão da sexualidade do cliente hospitalizado e estratégias para o cuidado de Enfermagem. **Rev Bras Enferm.** 1997; 50(1): 17-30.

FERRIANI, M. das G. C. **A inserção do enfermeiro na saúde escolar.** (Coleção Campi, 3). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1991.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual no Brasil: estado da arte de 1980 a 1993.** São Paulo, 1995. 272 f. Dissertação (Mestrado) Instituto de Psicologia de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Campinas: Mercado das Letras-Eduel, 2006.

FILHO, M. A. Estudo aponta despreparo de professores de Ciências em aulas de educação sexual. **Jornal UNICAMP.** Campinas, 25 a 31 de maio de 2009. p. 4. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2009/ju430pdf/Pag04.pdf>. Acesso em : 25 maio 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2009.

FRANÇA, I. S. X.; BAPTISTA, R. S. A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a Enfermagem. **Rev. bras. enferm.** [on line]. 2007, vol.60, n.2, pp. 202-206. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n2/a13v60n2.pdf>> Acesso em: 29 out. 2009.

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo, Cortez, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro: Olho D'Água, 1993.

FREIRE, P. **Política e Educação**. São Paulo, Cortez 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 24ª ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FRIEDLANDER, M. R.; MOREIRA, M. T. de A. Formação do enfermeiro: características do professor e o sucesso escolar. **Rev. bras. enferm.** [online]. 2006, vol.59, n.1, pp. 9-13. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n1/a02v59n1.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

FREUD, S. **Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). *In:* Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GABRIELLI, J. M. W.; PELA, N. T. R. O professor real e o ideal na visão de um grupo de graduandos de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2004, vol.38, n.2, pp. 168-174. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v38n2/07.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

GAZZINELLI, M. F., REIS, D. C., MARQUES, R de C. (Org). **Educação em Saúde: teoria, método e imaginação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIR, E.; NOGUEIRA, M. S.; PELÁ, N. T. R. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Rev.latinoam.Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 33-40, abril 2000.

GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual: uma proposta, um desafio**. São Paulo: Cortez, 1988.

GONZALEZ, R. Currículo, gênero e sexualidade. **Cad. Pesqui. [online]**. 2005, vol.35, n.125, pp. 238-238. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a1335125.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

HIGHWATER, J. **Mito e sexualidade**. Tradução de João Alves dos Santos. São Paulo: Saraiva, 1992.

HORTA, W. A. **Processo de Enfermagem**. São Paulo, EPU, 1979.

IMBERNÓN, F. Una nueva formación permanente del profesorado para un nuevo desarrollo profesional y colectivo. Departamento de Didáctica y Organización Educativa de la Universidad de Barcelona. **Revista Brasileira de Formação de Professores (RBFP)** Vol. 1, n. 1, p.31-42, Maio/2009. Disponível em:< <http://www.facec.edu.br/seer/index.php/formacaodeprofessores/article/view/18/62>>. Acesso em: maio de 2009.

ITO E. E.; PERES A. M.; TAKAHASHI R. T.; LEITE M. M. J. O ensino de Enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. **Ver. Esc. Enferm. USP** 2006; 40(4):570-5. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n4/v40n4a16.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2009.

JOLIBERT, J. (org). **Transformando a ação docente: uma proposta didática em pesquisa-ação**. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KOBAYASHI, R. M.; FRIAS, M. A. da E.; LEITE, M. M. J. Caracterização das publicações sobre a educação profissional de enfermagem no Brasil. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2001, vol.35, n.1, pp. 72-79. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n1/v35n1a11.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

LIGUORI, L. M. As novas tecnologias da informação e da comunicação no campo dos velhos problemas e desafios educacionais. *In*: LITWIN, E. **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIMA, E. C. A pesquisa como princípio pedagógico. **Jornal da USP**. Sessão Universidade. p. 4. 22 a 27 abril 2008.

LISITA, V. M. (Org.). **Formação de Professores: políticas, concepções e perspectivas**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LOURO, G. A emergência do gênero. *In*: **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. Pedagogias da sexualidade. *In*: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUDKE, M.; BOING, L. A. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educ. Soc. [online]**. 2004, vol.25, n.89, pp. 1159-1180. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

MADEIRA, M. Z. de A.; LIMA, M. da G. S. B. A prática de ensinar: dialogando com as professoras de enfermagem. **Rev. bras. enferm. [online]**. 2008, vol.61, n.4, pp. 447-453. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n4/08.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

MADEIRA, M. Z. de A.; LIMA, M. da G. S. B. A prática pedagógica das professoras de enfermagem e os saberes. **Rev. bras. enferm. [online]**. 2007, vol.60, n.4, pp. 400-404. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n4/a08.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

MAGALHAES, C. R. O jogo como pretexto educativo: educar e educar-se em curso de formação em saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 11, n. 23, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000300021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 jul. 2009.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MARQUES, G. C. Ensinar como? **Jornal da USP** Sessão Opinião. p. 2. 20 a 26 out. 2008.

MEDINA, N. V. J.; TAKAHASHI, R. T. A busca da graduação em enfermagem como opção dos técnicos e auxiliares de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2003, vol.37, n.4, pp. 101-108. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n4/12.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

MEIRA, M. D. D.; KURCGANT, P. Avaliação de curso de graduação segundo egressos. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2009, vol.43, n.2, pp. 481-485. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a31v43n2.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

MINAYO, C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R.: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R. (org). **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R. (org). **Aprendizagem profissional da docência: saberes, contexto e práticas**. São Carlos: EdUFSCAR, 2002.

MOKWA, V. M. N. F.; BUENO, S. M. V. **Representações Sociais e Sexualidade Humana no Contexto da Escola**. Ribeirão Preto: FIERP, 2008.

MORIN, E. **O problema Epistemológico da Complexidade**. 2ª ed., Lisboa, Portugal: Publicações Europa-America, 1984.

NAKAMAE, D. D. **Novos Caminhos da Enfermagem**. São Paulo: Cortez, 1987.

NÓVOA, A. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria & Educação**. 1991 n. 4, p.109-139.

- NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Dom Quixote, 1992.
- NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. 2. ed., Porto Editora, Porto, 1995.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente, In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas: Papyrus. 2005.
- NUNES, C. A. Dialética da sexualidade e educação sexual no Brasil. **Revista Linhas**. Santa Catarina, v.7 n.º.1, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/linhas/ojs/viewissue.php?id=14>>. Acesso em: 28 ago. 2008.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Carta de Ottawa**. Primeira Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde. 1986. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2009.
- PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PETTENGILL, M. A. M. et al. O professor de Enfermagem frente às tendências pedagógicas. Uma breve reflexão. **Rev. Esc. Enf. USP**, v.32, n.1, p.16-26, abr. 1998. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/398.pdf>>. Acesso em: 29 de out. 2009.
- PEYROT, S. **Terapia Morfoanalítica**. s/d Disponível em: <<http://www.terapiamorfoanalitica.com.br/>>. Acessado em: 05 nov. 2009.
- PHILBERT, Larissa A. da S. *et al.* Capítulo III - O lúdico, o lazer e suas implicações na educação para saúde. In: BUENO, Sonia Maria Villela. **O lúdico, o artístico e o sócio-cultural na Educação para a Saúde**. Ribeirão Preto: FIERP/EERP-USP, 2009.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.
- PIMENTA, S. G. **Saberes Pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Cortez, 2000.
- PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. (Org.) **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PINHEL, I.; KURCGANT, P. Reflexões sobre competência docente no ensino de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2007, vol.41, n.4, pp. 711-716. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n4/23.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.
- PISSATO, M. Educação sexual da criança. **Ver. Gaúcha de Enfermagem**, v.3, n1, p. 51-59, 1981.

PUSCHEL, V. A. de A.; INACIO, M. P.; PUCCI, P. P. A. Inserção dos egressos da Escola de Enfermagem da USP no mercado de trabalho: facilidades e dificuldades. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2009, vol.43, n.3, pp. 535-542. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n3/a06v43n3.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

REZENDE, A. L. **A Enfermagem no contexto da saúde**. São Paulo: Cortez, 1984.
RIBEIRO, M. (Org) **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**, vol. 2. São Paulo: Gente, 1999.

RIBEIRO, M. O.; DIAS, A. de F. Prostituição infanto-juvenil: revisão sistemática da literatura. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2009, vol.43, n.2, pp. 465-471. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a29v43n2.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

RIBEIRO, M. O. A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. **Rev. Esc. Enf. USP**, v.33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

RICHARD, B. **Fernão Capelo Gaivota**. Tradução Antônio Ramos Rosa e Madalena Rosález. Rio de Janeiro: Nórdica, 1970.

RODRIGUES, M. T. P.; MENDES SOBRINHO, J. A. de C. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Rev. bras. enferm. [online]**. 2007, vol.60, n.4, pp. 456-459. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n4/a19.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

RODRIGUES, M. T. P.; SOBRINHO, J. A. C. M. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Ver. Brás. Enferm.** 2006 maio-jun; 59(3):456-9. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n4/a19.pdf>>. Acesso em: 29 de out. 2009.

SACRISTÁN, G. J. **O currículo: uma reflexão sob a prática**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SAMPAIO, S. F.; KURCGANT, P. A participação acadêmica e sua influência na vida profissional segundo a percepção de enfermeiros. **Rev. esc. enferm. USP [online]**. 2009, vol.43, n.1, pp. 146-151. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n1/19.pdf>>. Acesso em: 05 de nov. 2009.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. de T. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica**. São Paulo: Ômega, 2000.

SANTOS, L. H. P. dos; CASSIANI, S. H. de B. Vivendo em constante conflito: o significado da prática docente no ensino médio de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]**. 2000, vol.8, n.5, pp. 58-64. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n5/12368.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

SANTOS, S. S. C. Perfil de egresso de Curso de Enfermagem nas Diretrizes Curriculares Nacionais: uma aproximação. **Rev Bras Enferm [on line]**. 2006, mar-abr; vol.59, n.2, pp. 217-221. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a18.pdf>> Acesso em: 29 out. 2009.

SCHELSKY, H. **Sociologia da Sexualidade**. Tradução Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SAUPE, R. et al. Preparo do enfermeiro para ser educador: realidade e possibilidades. Florianópolis: UFSC; 1999. Disponível em: <<http://ccs.ufsc.br/Enfermagem/educação/livrovirtual>>. Acesso em: 13 jul. 2009.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Coleção: Educação Contemporânea. Campinas: Ed. Autores Associados, 2000.

SCHWARTZ, B. **O Paradoxo da Escolha: por que mais é menos**. São Paulo: Girafa, 2004.

SECAF, V. **A Licenciatura em Enfermagem e a prática de ensino: uma revisão crítica de sua evolução na Universidade de São Paulo**. 1987. 188 f. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1987.

SEVERINO, A. J. **Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para integração**. Cadernos de Pedagogia universitária. Universidade de São Paulo - FEUSP. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação - Universidade de São Paulo, 2008.

SHON, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, A. (org). **Os professores e a sua formação**. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SILVA, R. C. P. **Pesquisas sobre formação de professores / educadores para abordagem da educação sexual na escola**. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

SILVA, C. G. da; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicol. estud.** [on line]. 2008, vol.13, n.4, pp. 683-692. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a06.pdf>> Acesso em: 29 out. 2009.

SZNELWAR, L.; UCHIDA, S. Ser auxiliar de enfermagem: um olhar da psicodinâmica do trabalho. **Prod.** [online]. 2004, vol.14, n.3, pp. 87-98. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a09.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação inicial**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16ªed. São Paulo: Cortez, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2007.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad: significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: TALASA, 1993.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICE – A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante, temos a honra de convidá-lo para participar da pesquisa “**Investigação da formação dos estudantes do curso de Licenciatura em Enfermagem para a temática sexualidade humana.**” O nosso trabalho tem como objetivo identificar e analisar os conhecimentos e dificuldades que os estudantes da área da saúde e da educação têm sobre a temática sexualidade.

Sua participação será através de um questionário semi-estruturado referindo-se a temática em apreço, com o tempo máximo para resposta de 1 (uma) hora.

As informações serão tratadas de forma anônima e sigilosa, não havendo identificação e nenhum tipo de sanção ou prejuízo, caso recuse a participar ou decida a qualquer momento desistir da pesquisa. O resultado da pesquisa destinará a elaboração de um trabalho científico de acordo com as exigências da resolução 196/96 que dispõe sobre declarações e diretrizes de pesquisa envolvendo seres humanos.

Informamos da sua garantia de acesso em qualquer etapa do estudo aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, na Avenida dos Bandeirantes nº. 3900, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, telefone (16) 36023390 e/ou (16) 92020321, e-mail: smvbueno@eerp.usp.br e/ou larissas3@yahoo.com.br. Também em caso de dúvidas ou considerações sobre a Ética da pesquisa poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP na Avenida dos Bandeirantes nº. 3900, telefone (16) 36023386, e-mail: cep@eerp.usp.br. Não haverá, portanto, nenhuma obrigação por parte da pesquisadora, de qualquer ressarcimento ou indenização.

No caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final este documento, que está em duas vias já assinadas pela pesquisadora, sendo a primeira cópia da pesquisadora responsável pela pesquisa e a segunda cópia do pesquisado, no caso você, participante da pesquisa.

Consentimento após esclarecimento


Eu, _____ portadora do RG _____, declaro para os devidos fins, que concedo os direitos sobre o questionário e registros durante o período da pesquisa, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrição de prazo ou citações, podendo torná-las públicas desde a presente data.

Declaro que estou ciente dos objetivos e de ter compreendido as informações dadas pelo pesquisador. A ciência de que não haverá gasto da minha parte em relação ao processo de pesquisa. Aceito participar desta pesquisa, ciente que minha participação é voluntária e livre, e a qualquer momento, desistir de colaborar, sem nenhuma espécie de prejuízo; também concordo que qualquer encontro possa ser registrado através gravações e/ou fotografias.

Concordo, portanto em participar deste estudo, levando em consideração todos os elementos acima mencionados.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de _____.

Assinatura do pesquisado


Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE – B

Questionário-Inicial

Data: ___/___/___

Dados de Identificação

Nome: _____

Sexo: Masculino Feminino Idade: _____ anos.

Estado Civil: _____ Crença religiosa: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

1. Durante a sua graduação em Enfermagem, em algum momento o tema sexualidade humana foi abordado?

Sim Não

2. Se você respondeu que SIM, em qual disciplina foi abordada essa temática?

Comente: _____

3. Se a sua resposta anterior foi positiva, responda: como você classificaria o conteúdo apresentado?

Ótimo Bom Regular Suficiente Insuficiente

Comente: _____

4. Você se sente apto para lidar com a temática sexualidade humana na sua prática profissional como educador?

Sim Não

Comente: _____

5. Você já teve contato na sua graduação com o tema Transversal Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)?

Sim Não

Comente: _____

6. Você teria alguma dificuldade para lidar com a temática sexualidade na sua prática profissional?

Sim Não

Comente: _____

7. O que você entende sobre sexualidade?

8. Como você vê a temática sexualidade humana nos dias atuais?

9. Em sua opinião, a quem cabe trabalho relativo à educação sexual no espaço escolar?

10. Como você acredita que deveria ser realizado trabalho de preparação do professor a fim de que ele possa lidar com a temática sexualidade?

11. Quais temas você sente que têm mais dificuldades e gostaria de discutir ou esclarecer dúvidas sobre sexualidade?

Comente: _____

12. Você tem interesse em participar de um grupo de estudos sobre sexualidade (educação sexual)?

Sim Não

Comente quais seriam suas expectativas em relação ao grupo de estudos:

12. Comentários e/ou sugestões:

13. Você considera importante a inserção de uma disciplina sobre sexualidade humana na grade curricular do seu curso?

Sim Não

Comente: _____

14. Livre para você se expressar como quiser:

ANEXO – A



Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo
Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para
o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Avenida Bandeirantes, 3900 - Campus Universitário - Ribeirão Preto - CEP 14040-902 - São Paulo - Brasil
FAX: (55) - 16 - 3633-3271 / TELEFONE: (55) - 16 - 3602-3382

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP – 226/2009

Ribeirão Preto, 29 de setembro de 2009

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO AD REFERENDUM** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 29 de setembro de 2009.

Protocolo: nº 1078/2009

Projeto: INVESTIGAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM PARA TEMÁTICA SEXUALIDADE HUMANA.

Pesquisadores: Sônia Maria Villela Bueno
Larissa Angélica da Silva Philbert

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Profª Drª Lucila Castanheira Nascimento
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Profª. Drª. Sônia Maria Villela Bueno
Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

ANEXO – B

**Universidade de São Paulo
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa**

Protocolo nº: 01078/2009

Entrada: 31/07/2009

Pesquisadores: Sônia Maria Villela Bueno (orientadora)

Larissa Angélica da Silva Philbert (mestranda)

Parecer

Título do Projeto: INVESTIGAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM PARA A TEMÁTICA SEXUALIDADE HUMANA

Apreciação Geral: Este parecer trata-se da apreciação da documentação constante às folhas 058 a 60 do processo

Folha de Rosto: sem alteração.

Introdução: sem alteração

Metodologia: esclarece quem fará o convite aos alunos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: sem alteração

Outros Comentários: Refere que no encontro com a Profa. Maria José Clapis, foram esclarecidos todas as etapas do estudo estando a mesma de acordo.

Aspectos Éticos: esclarece que outra pessoa fará o convite aos alunos

Esclarecimentos Necessários: não se aplica.

Pelo exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, considera em **APROVADO**.

Ribeirão Preto, 29 de setembro de 2009



29 09 2009

